



José Mendes Fonteles Filho
ORGANIZADOR

Ana Cristina Cabral

História dos Tremembé

memórias dos próprios índios





HISTÓRIA DOS
TREMembÉ
MEMÓRIAS DOS PRÓPRIOS
ÍNDIOS

Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação
Henrique Paim

Universidade Federal do Ceará - UFC

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias

Vice-Reitor
Prof. Henry de Holanda Campos

Imprensa Universitária
Diretor
Joaquim Melo de Albuquerque

José Mendes Fonteles Filho
(organizador)

Ana Cristina Cabral

HISTÓRIA DOS
TREMEMPÉ
MEMÓRIAS DOS PRÓPRIOS
ÍNDIOS



Fortaleza
2014

História dos Tremembé: memórias dos próprios índios

Copyright © 2014 by José Mendes Fonteles Filho (Org.), Ana Cristina Cabral

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, Benfica — Fortaleza - Ceará

Coordenação Editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de Textos

Antídio Oliveira

Projeto Gráfico

Sandro Vasconcellos

Diagramação

Mateus Teixeira / Sandro Vasconcellos

Capa

Heron Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

C117h Cabral Ana Cristina.
História dos Tremembé: memórias dos próprios índios
/ Ana Cristina Cabral, Organizador: José Mendes Fonteles
Filho. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
92 p. : il. ; 21 cm. (Magistério pé no chão)

ISBN: 978-85-7485-217-1

1. Índios Tremembé - educação - Almofala (Itarema, CE).
2. Índios - educação. I. Título.

CDD 371.829808131

APRESENTAÇÃO

Conheci Ana Cristina Cabral em 2003, quando cheguei a Almofala, para viver e trabalhar com o povo Tremembé.

Ana Cristina é cursista do Magistério Indígena Tremembé Superior - MITS, e professora na Escola Diferenciada José Cabral de Sousa, na aldeia de Varjota, do aldeamento Tremembé de Almofala.

Desde quando me inseri na caminhada deste povo, sou testemunha do desenvolvimento e amadurecimento de Cristina, tanto pessoal quanto acadêmico, e sempre me tem impressionado seu comprometimento com a profissão que escolheu e com as lutas de seu povo.

Com este livro, Cristina mergulha na história do povo Tremembé e, conseqüentemente, em sua própria história, e nos traz a memória dos mais velhos, contada do jeito que foi vivida, por meio dos relatos dos entrevistados, fazendo deste trabalho um instrumento de crescimento para as novas gerações.

Esta leitura chega num momento oportuno, mostrando o poder que as lembranças do passado podem exercer nas manifestações da identidade desse grupo étnico, e na construção e afirmação de sua autonomia.

Sem dúvida, este livro irá contribuir para que as lutas do povo Tremembé de Almofala sejam bem sucedidas e alcancem a vitória tão esperada por todos, que é a recuperação e posse definitiva de seu território original.

Marly Schiavini de Castro

Missionária Indigenista da Igreja Metodista do Brasil

RESUMO

Todos os povos indígenas possuem requisitos que os fazem ser reconhecidos como tais. Possuem suas diferenças, mas todos lutam pelo mesmo objetivo, que é conseguir desempenhar um papel dentro da sociedade não indígena, e fazer com que seus direitos sejam reconhecidos e praticados, pois também são cidadãos como qualquer membro da sociedade.

O povo Tremembé também busca todos esses fatores citados acima, mas os componentes que constituem um Tremembé são diferentes, como costumes, crenças, cultura, tradições, modo de organização, modo de vida próprio, garra, determinação, fé e coragem de enfrentar tudo, porque o principal objetivo do Tremembé é a demarcação da terra, para quem hoje é criança, quando adulto, ter do que sobreviver e onde morar e, principalmente, saber de onde veio e o que é ser um verdadeiro Tremembé (SANTOS, 2012).

Uma das grandes forças vitais da comunidade Tremembé de Almofala é sua extraordinária capacidade de abrir horizontes, através de suas experiências, e narrá-las com sabedoria, realizando o trabalho da memória coletiva sobre sua própria história, numa dinâmica capaz de fazer conexão com seus projetos de futuro e potencializar suas posições ramificadas, com as quais constroem a trama do presente comum enquanto mantém o estado de tensão intracomunal, instigando as matrizes familiares e seus membros a continuarem tecendo seus destinos com fios de histórias de vida para compor uma rede coletiva (NASCIMENTO, 2009).

Ao longo da história, os Tremembé, através do trabalho da memória, realizado na segurança do convívio familiar, continuaram retomando suas relações sociais e noções compartilhadas a partir de sua presença na comunidade, apoiando-se em seus grupos de referências com os quais compartilham um modo de ser e pensar e que reafirmavam suas experiências compartilhadas.

Esta é uma das bases nas quais se apoiam para dialogarem com a modernidade e negociar os seus interesses no sistema capitalista, no presente (NASCIMENTO, 2009).

Este livro fala das lutas passadas e da luta atual do povo Tremembé.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| Capítulo I - ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS TREMEMBÉ | 13 |
| Capítulo II - O INÍCIO DA LUTA | 21 |
| Capítulo III - O TORÉM | 27 |
| Capítulo IV - A ORIGEM E O SOTERRAMENTO DA IGREJA DE ALMOFALA | 35 |
| Capítulo V - A LUTA DO POVO TREMEMBÉ NA ATUALIDADE: a educação diferenciada e a formação dos professores | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 53 |
| BIBLIOGRAFIA | 55 |
| GLOSSÁRIO | 57 |
| ANEXOS (entrevistas) | 59 |
| ANEXO 1 - Entrevista com Tia Maria Júlia | 61 |
| ANEXO 2 - Entrevista com Dona Conceição (conhecida como Teté, moradora da Varjota) | 63 |

| | |
|--|----|
| ANEXO 3 - Entrevista com Luiz Manoel do Nascimento (pajé Luiz Caboclo) | 65 |
| ANEXO 4 - Entrevista com Sr. Tarcisio Pedro (73 anos, morador de Almofala) | 73 |
| ANEXO 5 - Entrevista com Francisco Marques do Nascimento (cacique João Venâncio) | 75 |
| ANEXO 6 - Entrevista com o Sr. Estevão Henrique (morador e liderança de Tapera) | 79 |
| ANEXO 7 - Entrevista com José Domingos (conhecido como Zé Domingos, liderança da Passagem Rasa) | 83 |
| ANEXO 8 - Entrevista com Maria Eva Lisboa (conhecida como Babi, liderança no Panã) | 87 |
| ANEXO 9 - Entrevista com Maria da Conceição Moura (professora na Varjota) | 89 |

INTRODUÇÃO

Os Tremembé têm como instrumento muito forte de luta os relatos orais de suas lideranças, devido ao fato de que a escrita não era algo muito ligado à vida dessas pessoas. Como saber ler e escrever era muito difícil no início desta luta, pois a escolarização ainda não fazia parte do cotidiano desse povo, o mesmo se apegou aos relatos orais para afirmar sua história.

Na educação escolar formal oferecida aos índios por escolas urbanas, as condições financeiras eram poucas, e a discriminação era um ponto que machucava bastante os Tremembé, dificultando ainda mais a aprendizagem. Portanto, foi por meio dos relatos orais que os antigos Tremembé conseguiram manter seus costumes tradicionais e se autoafirmaram como grupo étnico.

Atualmente, os Tremembé vivem dispersos em diversas localidades dos municípios de Itarema, Acaraú, Itapipoca e Fortaleza,¹ no Ceará, registrando-se também sua presença em Tutoia, no Maranhão.

Devido ao fato acima relatado, acontece a luta pela garantia de espaço físico e pela resistência. Nestes municípios há diferentes aldeias, onde cada tremembé, com seu objetivo em comum, a luta pela demarcação de sua terra, tenta guardar como algo precioso o registro da memória de seu povo, estando presente na oralidade das antigas lideranças Tremembé. Por meio dessa oralidade, mantém-se viva e forte a luta, mesmo com as mudanças sofridas e com o fato de terem-se misturado com pessoas não indígenas.

¹ Há uma tese de doutorado sobre migração de parentes Tremembé que vivem em Fortaleza. Esse trabalho mostra o deslocamento forçado dos indígenas devido às invasões do território (NASCIMENTO, 2009).

Capítulo I



ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS TREMEMBÉ

O povo Tremembé do aldeamento de Almofala, situado no município de Itarema a 198 km de Fortaleza, ocupava, nos tempos coloniais, desde a foz do rio Gurupi, no Maranhão, até a Serra de Ibiapaba, no Ceará, até a foz do rio Aracatimirim.

Os Tremembé viviam principalmente da pesca, e comercializavam com os estrangeiros que aportavam na costa norte brasileira, principalmente madeiras e âmbar-gris.² Durante os séculos XVI e XVII, apesar da constante presença de estrangeiros em suas praias, e das tentativas de colonização por parte dos portugueses, os indígenas da costa norte conseguiram manter-se autônomos em seus territórios até o início do século XVIII, quando foram aldeados em Almofala, no Ceará, e Tutoia, no Maranhão (BORGES, 2010).

Era um povo destemido, conhecido por sua coragem em matar tubarões e também por serem exímios pescadores e valentes guerreiros, e sempre ofereceu resistência aos ataques dos colonizadores.

O pajé Luiz Caboclo (2012), referindo-se ao modo de vida Tremembé, fala da presença dos mesmos no Ceará e no Maranhão e da mobilidade como tradição:

² Âmbar-gris — Substância coletada na praia, formada pelo excremento de baleias e utilizada como fixador de perfumes.

O povo Tremembé [...] eles migravo, io colher fruta. O rio Aracatimirim foi a garantia desses que continuaro aqui o tempo todo. Eles vivio aqui condo tava dando fruta. Era uma época de peixe no rio das Moitas. Ele subio pra lá, e aí eles ia subindo nessa costa. Era fruta, todo tipo de fruta. Eles subio caçando, pescando, subio colhendo. E descio pra baixo nessa mesma atividade. Nessa época, eles ficavo numa região, passavo os tempo colhendo. Quando passava a época da fruta, eles migravo pra outra região, a pé. Quando passava a safra do peixe, eles migravo para outra região e assim io. Quando vem a colonização, eles tavo tudo espaiado. Quando eles chegaro, a colonização chegou, pronto, prendeu todo mundo. Ninguém vai mais pra nenhum canto, tumaro de conta das terra, uma parte ficou no Maranhão, outra parte ficô... aonde tava um grupo, lá ficavo. Agora o que te digo, originário que nunca saiu foi esse que permanecero, que tava em Almofala, mas tudim, todos Tremembé.

Condo a gente fala no Maranhão, em Tutoia... o povo de Tutoia tudim de Almofala, aqui tudim de Almofala... Onde tem Tremembé, conhece a orige de Almofala. Agora migravo, e, nessa época, chegou aquela lei chamada sesmaria, a lei de terra aqui. Aí cada um ficou no seu canto, e aí foi onde veio a perseguição. Quem se dizia índio usando essa tradição, a catequização bateu em cima e aí foro catequizando, tirando a língua materna, insinuando, educando de todo jeito. Aí eles ficavo só aqui, cadacal com a sua orige. Tudo tem orige, só que num pudio dizer que era índio, porque, se se dissesse índio, morria. Aí todo mundo ficou parado. A partir da Constituição Federal de 1988, que é essa que tá sendo tramada hoje, eles luto pa retirar os artigos que eles se arrependeram muito de fazer, que começou dar o direito do povo indígena. Aí eles começaram aparecer. Aí contaro a história que era índio, dissero donde era. O povo Tremembé foi demarcando uma área pra eles ficare.

O nome “Tremembé” nasceu da orige de Almofala por conta da luta, a grande luta, que eles chamaro nativo. O povo nativo deste litoral cearense, do rio Gurupi, no Maranhão ao Rio Grande do Norte, a história nasce daí. Aí a história... O nome “Tremembé” mesmo foi o povo de Almofala, que de primeiro o povo de Almofala, por conta da... eles foi... eles ficaro traumatizado. Eles ficaram muito violento por conta da colonização, porque

morreu muita gente. Eles também fizeram o que devia... a luta foi muito perigosa, por conta dos tremedáú, que era muito tremedáú, e aí quem num sabia, os que vinho de fora, eles num tinha proteção sobre o tremedáú, e os Tremembé eles ero nativo, eles conhecio... Chegavo nos tremedáú, eles sabio dominar. Eles tinha a sobrevivência nos tremedáú, por conta disso, dessa luta... grande luta. Aí foi que veio o nome "Tremembé" pucarro dos tremedáú, mas o nome... o nosso nome... o povo Tremembé...o nosso mermo era o povo nativo daqui da região leitoral cearense. Eles mandarro 70 légua da praia pra serra que é a Ibiapaba. Os Tremembé brigavo cum os Potiguara, cum os Tupi-Guarani na serra de Ibiapaba. Isso é muito difícil. Eles brigavo, mas apanharro porque os Tremembé chegarro lá muito fraco. Lá era um grupim piquininim que chegavo lá. Os Tremembé vivio mermo era aqui no leitoral. Aí eles migravo pá den... pu sertão mas só io até lá porque condo chegavo lá os ôto também chegavo e aí eles brigavo. Toda essa questão era os Tremembé querendo puxá as índias Potiguara, Guarani pra trazer pra cá e, nessa época, truxero, tem muita gente... por isso que misturô.

Conforme se pode observar, segundo o pajé Luiz Caboclo, o nome "Tremembé" vem dos "tremedáú", espécie de córrego de lama movediça, coberto por escassa água. O pajé afirma que a resistência dos Tremembé foram os "tremedáú", e conta que, quando eles eram perseguidos, entravam nesses tremedáú e, como sabiam afundar na lama, conseguiam sair em outra localidade. Os soldados ou capangas que os perseguiam, porém, não possuindo a mesma destreza, afundavam e morriam.

Devido à ação dos colonizadores, os Tremembé de Almofala tiveram seu território restringido a quatro léguas em quadro. As terras onde se localiza o povoado de Almofala, entre os rios Aracatimirim e Aracatiaçú, foram doadas através de Carta Régia do Governo Português, datada de 08/01/1697, que tinha como objetivo a fixação e a redução do território dos Tremembé (TELLES DE SOUZA,1983).

O Livro de Registro de Terras da Freguesia da Barra do Acaracu, que abrange o período que vai de 1855 a 1857, inclui 22 registros de títulos de terras para índios de Almofala, além do registro de uma légua de terra quadrada para residência e subsistência dos índios da povoação (18 de março de 1857), apresentada pelo curador dos índios e rubricada pelo vigário de Acaraú. Essa documentação fundiária tem valor inestimável para os Tremembé, porque foi feita de acordo com a exigência da Lei de Terras (1850). São, portanto, inquestionáveis registros de terras, datados do século XIX, ainda que seu território tenha sido mais uma vez reduzido (GOMES; VIEIRA; MUNIZ, 2007, p. 46 e 47).

Desde o período do aldeamento, na primeira década do século XVIII, o povo Tremembé sempre habitou esse litoral. Com a chegada dos invasores, alguns tiveram que se mudar, inclusive alguns filhos dessas famílias Tremembé migraram para outras regiões, chegando a ficar por um longo tempo disperso em outro hábitat muito diferente do seu. Daí o fato de existir Tremembé em vários lugares, inclusive no Maranhão e Piauí.

A história da invasão do território Tremembé está ligada ao soterramento da igreja de Almofala, pois, segundo relata o cacique João Venâncio (2012), houve a contribuição dos índios na construção da igreja, “marco” da terra, e a briga por causa das imagens, que se seguem nessas invasões e ressoa na restrição do território.

Os índios ajudavam, né? Foi tanto que a cal dela na época foi toda pisada, casca de ostra e casca de búzio, tudo pisado no pilão a braço de homem. Os pilãozão ainda alcancei, ainda uns pilãozão medonho, feitos de canoé. Por trás da igreja, aí tinha uma pedra, por trás dela, uma pedrona que era uma medonha. Depois que fizeram a reforma, ainda tinha, só que era pequenininha, mas aí desapareceu, quebraro, carregaro. Aí o pessoal que morava ao redor era as famílias indígenas. E aí, quando a duna foi chegando, foi imprensando o pessoal, o pessoal foi se mudando, se mudando, io se afastando, e o morro acompanhando. E aí, quando descobriram, que o pessoal quisero voltar, aí já tava cheio de gente. O povo chegando de fora, naqueles tempos faltos, com as seca

que deu por aí. O pessoal arribaro, chegavo e se abole-tavo. E aí foro ficando, aí começou a confusão da terra, a briga sobre a terra, a terra tomada. O pessoal já tinha tomado tudo, e aí ficou a peleja, né? Apareceu um padre por aí, chamado Padre Antonio Tomaz, junto com a rainha majestade que deu a terra de orige para o povo Tremembé. Aí é uma légua da igreja pro Luiz de Barros, foi tirado num cavalo braiador. Uma légua do Moreira, uma légua da igreja pra praia, e uma légua da igreja pro São Gabriel, que era que se chamava a terra do aldeamento, era uma légua em quadro. Aí hoje não se chama mais légua. Interiormente, eles chamavo de gleba, de gleba passou pra légua, de légua passou pra quilômetro hoje. Teve uma confusão muito grande que foi a questão das image, o pessoal vieram pra tomar as image. Houve uma confusão muito grande, apanhou gente, saiu gente com a cabeça quebrada. Naquele tempo, não existia nada de faca, nem de revólver, era cacete.

Antigamente, Almofala era terra liberta e muito rica, habitada pelos ancestrais Tremembé, povo guerreiro.

Perguntado sobre as famílias originárias de Almofala, o pajé Luiz Caboclo (2012) diz o seguinte, falando sobre a presença de gente de fora, não Tremembé:

Tem várias famílias que vive morando em Almofala, que num são originária. A família daqueles que mora do Agostinho Pereira por cima, aquele que é o dito que tá querendo, que tá fazendo uma grande força, ele é um... O Pitanga, o Pitanga num é de Almofala, o Tarcísio... Aguiar, sim; aquele Tarcísio, que é farmacêutico, num é de Almofala. Agora, tem muita gente, muitas pessoas que eu num conheço em Almofala, que vinhero de fora.

Mas as pessoas que foro chegando né, foro construindo, as famílias foro chegando... se apropriando de Almofala. Então a família dos Monteiro num são de Almofala, num são daqui da região, eles são de ôta região, e aí chegaro aí, e continuaro aí.

Assim se refere a liderança Estevão Henrique (2012) à população originária de Almofala e aos invasores, falando também dos coqueiros, símbolo da invasão em termos de silenciamento e a opressão pela colonização:

As famílias eram o finado Chico Sousa, Conceição Caboré, a velha Angelca, um véi chamado Gonçalves, um véi chamado Barroso, a veia Puluchera, o Pedroca, todos moradores antigos de Almofala. Aí foi chegando mais gente de fora. Teve uns que chegavo, passava um tempo e ia-se embora. Outros ficavo e pronto. O pessoal que foro chegando, viu aquela terra solta, fazia uma casa e logo fazio uma plantação de coqueiro, que era o que dava mais produção. Aí, minha filha, foro se aposando, e hoje o pessoal que mora na Almofala são quase tudo de fora. Esse povo de antigamente, tudo ero índio, só não fazio era brincar o Torém, porque foi um tempo que os portugueses chegaro e querio dominar tudo. E aí proibiu a dança do Torém, eles querio era dominar tudo mesmo.

E eles sobreviviam da roça e da pesca, arrancar búzio para comer assado, assavo mesmo no borralho, era a sobrevivência deles.

A chegada dos posseiros no aldeamento dos Tremembé atingiu completamente a vida deles, pois alguns tiveram, de certa forma, que esconder suas tradições por algum tempo, devido à discriminação dos que chegavam para invadir as terras tradicionais Tremembé, até mesmo iludindo-os.

Nessas mudanças, perderam parte de seu território, pois o mesmo era moradia somente dos Tremembé, nativos deste local. Há de se pensar que essa invasão teve início com os europeus que chegavam se apossando dessa terra que originalmente pertencia aos Tremembé.

Hoje, o povo Tremembé tem como objeto de luta sua sobrevivência física e cultural e principalmente, a demarcação de sua terra.

Os Tremembé habitam, atualmente, os municípios de Itarema, Itapipoca e Acaraú, sendo Almofala o seu distrito mais conhecido.

Os Tremembé de Almofala habitam duas regiões: Mata e Praia, contando com uma população estimada em 3.500 pessoas, distribuída nas seguintes localidades: Barro Vermelho, Lameirão, Saquinho, Curral do Peixe, Panã, Praia, Camboa da Lama, Mangue Alto, Aningas do Mulato, Cabeça do Boi, Pas-

sagem Rasa, Urubu, Tapera, Varjota, Batedeira I, Batedeira II, Praia do Caboré e Camondongo.

Os Tremembé de Almofala se organizam politicamente pelo CITA - Conselho Indígena Tremembé de Almofala, e lutam na Justiça Federal pela posse da terra que pertencia ao antigo aldeamento. Em 1992, o Estado brasileiro delimitou uma área de 4.900 ha que está invadida em grande parte por posseiros e por empresas. A situação de suas comunidades é de enfrentamento, com ameaças, perseguições e invasões de suas terras pela especulação imobiliária, monocultura do plantio de coco, empreendimentos turísticos, carcinicultura e outros (GOMES; VIEIRA; MUNIZ, 2007, p. 45).

Capítulo II



O INÍCIO DA LUTA

A luta do povo Tremembé pela posse de sua legítima terra tem sido uma briga acirrada desde a década de 1970. Seu início foi marcado com grande revolta a partir da instalação da empresa Ducoco Agrícola S/A na área da Mata e a invasão de posseiros na área da Praia. Essa invasão provocou grandes mudanças na vida dos Tremembé, a começar pela destruição das matas, o soterramento de lagoas e a derrubada de várias casas. Isso fez com que os Tremembé mudassem completamente o seu jeito de viver.

Os antigos Tremembé sobreviviam exclusivamente da caça de animais, da coleta de frutas e da pesca no mar, no lagamar e nas lagoas. Com a destruição causada pela empresa e pelos posseiros, essas fontes de alimentos deixaram de existir. Com isso, os Tremembé sofreram muito, porque seu hábitat natural foi completamente destruído. As caças, as aves e as frutas que lhes serviam de alimentação mais saudável foram destruídas, e as terras invadidas para plantação de coqueiros e outros empreendimentos, destruindo, assim, as fontes de onde esse povo retirava a maior parte de sua sobrevivência. O sossego que se tinha antes, a partir dessa invasão, deixou de existir. Os espaços que serviam para brincadeiras da criançada passaram a servir de estrada para circulação de veículos que chegavam a toda hora no aldeamento, se apossando da terra.

Tudo isso que aconteceu aos indígenas modificou sua vivência desde a sua prática de alimentação, até suas manifestações e demonstrações socioculturais, por ser algo muito discriminado na visão das pessoas de fora. A cultura para o povo Tremembé é símbolo muito forte na luta pela demarcação de sua terra.

Com a invasão de sua terra e a discriminação por parte do homem branco, os indígenas deixaram, por um tempo, adormecida a prática de dançar o Torém, porque os invasores sempre criticavam e ainda criticam o modo como os índios se apresentam e também reivindicam seus direitos.

Essa negação e crítica dos direitos indígenas não acontece somente com os índios Tremembé de Almofala e sim com todos que se afirmam como índios na Região Nordeste.

Alguns índios do aldeamento de Almofala acabaram indo para outras regiões, numa migração que aconteceu como deslocamento forçado, devido à perseguição e dificuldades causadas pelos invasores, sendo que, nos lugares que passaram a habitar, não se identificavam como índios.

Diante dessa mudança de vários índios, a luta ficou um pouco “morna”, e os que restaram no aldeamento eram chamados pela população não indígena de caboclos, fazendo com que eles se dispersassem ainda mais, ou se escondessem, como estratégia de sobrevivência.

As lideranças mais velhas, como se sentiram ameaçadas na luta pela defesa de seu espaço para uma moradia fixa e garantia de sua sobrevivência, passaram certo tempo parados com a questão da autoidentificação pública. No entanto, continuaram fazendo o mocoororó, bebida sagrada, mesmo quando não podiam dançar o Torém.

Desde meados do século XIX e ao longo do século XX, os Tremembé foram tratados como “caboclos”, “remanescentes” ou “descendentes” de índios pela população circundante. A diferenciação étnica era relevada ou minimizada, de acordo com as situações sociais e as disputas locais. Mesmo assim, ao longo de todos esses anos, os Tremembé conservaram a produção do mocoororó, be-

bida feita a partir do caju e utilizada em festas e rituais; e também sua dança particular, o Torém, que lhes trouxe diferenciação e notoriedade social. Ao longo do seu processo de organização e mobilização étnica, o Torém tem sido o seu principal sinal diacrítico e referência de singularidade (GOMES; VIEIRA; MUNIZ, 2007, p. 45).

A liderança Diana (2012), da aldeia de Varjota, em entrevista concedida em 2012, relata, desta maneira, a luta pela terra:

A luta pela terra, na Região da Mata, teve início quando o pessoal começou a cercar; começaram fazendo a desmatação. Aí queriam que a gente desocupasse esse pedaço de chão. Os mais velhos disseram que não desocupavam, e nos foi orientado que nós não disséssemos quem era o dono desta terra. Os mais velhos disseram que só desocupavam a terra se tivesse um documento comprovando quem era o dono desta terra, mas esse documento nunca foi entregue.

Quando a firma (Ducoco Agrícola S/A) foi se chegando, foi cercando tudo. E se juntaram os mais velhos, o Valdir, meu marido, foi um deles, e foram negociar pra eles não cercarem tudo. Eles argumentavam que iam cercar, pois o pedaço que tinham comprado era muito chão, pegava toda essa parte. Os mais velhos pediram para deixar esse pedaço de chão que ainda hoje nós moramos.

A gente se pegou no Evangelho para garantir também os espaços, principalmente no Evangelho Vida, que era onde se discutia os assuntos com relação à luta. Aí, conhecemos outras pessoas, como o padre Albanito, Dr. Pinheiro, que era o advogado, Maria Alice e Bete que eram ligados à Diocese de Itapipoca.

Sobre a luta que aconteceu na Região da Mata, Diana (2012) relata o seguinte:

Uma vez, eles tocaram fogo numa capoeira do Nel Gonçalo. Aí os mais velhos foram atalhar o fogo, e eles, o pessoal da firma estavam todos armados. Foi uma questão muito séria, entramos na justiça, cada lado arranjou seus testemunhos. O nosso era Chico Saguim, Jorge e o Sr. Alfredo, da Almofala, pois tinha que ser pessoas de fora. A firma também tinha seus três testemunhos, mas, na hora da audiência, que foi em Acaraú, um não falou,

outro falou a nosso favor, dizendo que, quando tinha conhecido aqui, esta terra não tinha dono, e esse povo já morava aqui, e aí nós ganhamos a questão. Isto ajudou muito para que nós conseguíssemos nossa terra através de uma ação de usucapião.

Esta luta foi muito forte para nós, mas todo mundo lutava junto, foi um momento muito difícil, a gente via a qualquer momento voar, sem saber pra onde ir.

A luta pela terra desenrolou-se em várias localidades, como nos relata a liderança José Domingos, da aldeia de Passagem Rasa:

[...] a dor maior que eu senti que até me emocionou, não foi da morte do meu pai nem da minha mãe. A dor maior que senti foi no dia que eu vi... (seu Zé Domingos se emociona e para por um tempo. Dona Alda, esposa do Seu Zé Domingos, diz: “O quê? As três mortes?”) Foi, eu me emocionou porque... me parece que chega uma reação de eu ver meus três tios mortos pela luta da terra, por causa da terra. No ano de 62, em janeiro, e a gente vem lutando até hoje. E hoje é diferente, vem uma pessoa e diz eu quero entrar na “lei dos índios”, e num lembra nem de terra e assim continua nossa peleja pela demarcação e peço a Deus que embora nós não alcance, mas não se acabe nossa luta sagrada, porque não tem como se acabar a luta indígena, porque índio não se acaba, se acaba uma parte, mas fica os outros.

Esse relato da liderança José Domingos refere-se ao massacre que aconteceu na aldeia de Passagem Rasa, no ano de 1962, em uma emboscada armada por posseiros invasores da terra indígena, apoiados por políticos e liderança religiosa, que eram contra o movimento indígena.

A liderança Babi, da localidade de Panã, conta a invasão da terra da seguinte maneira:

Antigamente, essa terra era livre. Aí começou a enganção com os mais velhos. Às vezes, compravam mercadoria como fumo, alimentos, bebida e outros. Compravam uma quantidade pequena e, quando chegava no

dono do comércio, lá estava aquela lista danada. E aí se ia um pedaço de terra. Os mais espertos, mais ricos, sempre se aproveitavam da fraqueza dessas pessoas pra se apossar das terras. Conto isso, porque aconteceu com meu bisavô. Essa invasão começou dessa maneira, cada pessoa que comprava um pedaço de terra cercava um pedaço bem maior, tirava a cerca e botava bem mais pra frente.

A partir de 1988, com a promulgação da nova Constituição Federal (1988, CAP VIII, ART. 231, § 1º, 2º e 4º), a luta do povo Tremembé voltou a se reerguer para continuar a busca pelos seus direitos garantidos constitucionalmente.

Vale ressaltar que, nesta “nova” fase da luta, não há somente um pequeno grupo que dança o Torém, mas sim, todos os Tremembé que se identificam e dançam com muito entusiasmo esta bela dança tradicional Tremembé.

Capítulo III



O TORÉM

Durante toda a caminhada do povo Tremembé, um ponto cultural que os fortaleceu bastante foi a prática da dança do Torém, uma dança de que todos os Tremembé participam. Desde muito pequeninos, os Tremembé já entram no ritmo desta dança “estética, mimética e paisagística” (OLIVEIRA JÚNIOR, 1998), pois o mesmo, com suas lindas melodias, desperta em todos a vontade de dançar.

Essa dança nasceu dos antepassados Tremembé e vem passando de geração em geração, possuindo um significado muito grande para esse povo, que tenta manter vivas suas tradições de forma muito significativa expressa nas músicas e danças do Torém.

Suas músicas são produzidas por pessoas do próprio aldeamento; sempre se baseiam em animais, aves ou acontecimentos históricos e espaços físicos. As letras das antigas músicas do Torém eram todas na língua indígena, sendo que algumas foram modificadas a partir da descrição de alguns pesquisadores e por serem hoje cantadas pela nova geração.

Antigamente, os Tremembé dançavam o Torém nas quintas doces* e debaixo de cajueiros.

O Torém para o povo Tremembé tem diversos momentos. No início, era apenas uma brincadeira e, depois, devido à conjuntura, tornou-se um marco político em manifestos e

eventos, como elemento de afirmação étnica e cultural. Atualmente, ele é praticado como ritual de manifestação da espiritualidade Tremembé.

Foi através dos momentos culturais que muitos pesquisadores conheceram e escreveram sobre os Tremembé. Um dos elementos que muitos enfatizaram foi a dança do Torém.

O Torém é mantido como elemento principal da nossa luta e também é nosso ritual sagrado. É fortalecimento, é um marco, um símbolo da nossa resistência.

Contam as lideranças que, antigamente, antes de os portugueses aqui chegarem, eles eram livres para dançarem seu ritual. Contam ainda que, em meados de 1702, houve um grande conflito entre os índios e os brancos, que chegaram de todas as partes e se apossavam das terras da nossa gente, e, devido a isso, o Torém foi enfraquecido, pois os índios tiveram medo da opressão dos brancos. Mas Tia Chica da Lagoa Seca, juntamente com seu irmão e sua família, nunca deixou esse ritual morrer. Em 1972, morreu Tia Chica, e daí o Torém ficou adormecido por algum tempo, e só nos anos de 77 e 79, tendo à frente Vicente Viana, o Torém foi novamente reanimado e, desde então, não mais parou, e a cada dia se fortalece mais e mais. Hoje em dia, o Torém tem algumas diferenças. Dificilmente se dança o guaxuré, a aranha e o coco, as músicas também estão bastante mudadas, muitas já nem se cantam mais, e até o jeito de se dançar mudou (MITS, Vilca, Márcia, Gilsa, Rita de Cássia, Jacinta, 2010).

Dona Maria Júlia (2012), parteira na aldeia Varjota, fala:

Ah, o Torém eu alcancei foi na porta da igreja. Eles fazio uma coisa bonita, um réi começarra a cantar, o réi Zé Miguel, e os outro acompanharra, a tia Calata, a Geralda Mila, muiê do Chico Mila... começarra na porta da igreja e ia fazendo rolta até acolá e roltarro fazendo rolta também, era bonito pois eu digo porque ri, alcancei.

A roupa deles era de algodão num tinha esse negócio de pano fino não! Agora o cocar de pena tinha, mas o roupa era de algodão, bem cumprida. Era moça era homi, era menino, era uma coisa bonita mermo nesse tempo. Hoje

tudo mudou, não faz as coisas bonitas. Como naquele tempo... Alguns porque não sabem... Pois eu já digo dessas coisas bonitas porque ri, alcancei, nesse tempo fazia as coisas tudo junto... Mas não sabia que era Tremembé, fazia tudo, mas ninguém dizia que era Tremembé como o porro, todo mundo junto, era um porro só.

A Chica da Lagoa Seca era do meio da dança, dançava. porque sabia podia ter onde tirasse ela terra no meio, gostava mesmo da dança.

Nesse tempo tinha muita gente de fora pra ver, era o divertimento do porro era uma dança tão bonita que dava vontade de dançar mesmo. Se juntava o porro daquele lado todo (lado da praia) pra radiar. Era a brincadeira que se tinha fora da missa, era o divertimento que tinha.



Figuras 1 e 2 – O Torém como era dançado antigamente.
(Foto: Carlos Estevão 1940)

Segundo conta o pajé Luiz Caboclo (2012):

O Torém toda vida foi usado... O Torém é a dança sagrada porque o Torém é diferente do toré. Os outros povos tudo dança o toré, os Tremembé dançam o Torém. A dança do toré é uma dança contínua, uma dança continuada, uma dança viajante. E a dança do Torém é uma dança de roda, tudo espaiado. Quando eles chegaro, a colonização chegou, pronto, prendeu todo mundo. Ninguém vai mais pra nenhum canto, tumaro de conta das terra. Uma parte ficou no Maranhão, outra parte ficô... aonde tava um grupo, lá ficavo. Agora o que te digo, originário que nunca saiu foi esse que permanecero, que tava em Almfala, mas tudim, todos Tremembé. Condo a gente fala no Maranhão, em nativa, agora porque o Torém não parou, nós continuamos fazendo as músicas do Torém, como os mais velhos faziam. As músicas do Torém todas foram feitas pelo povo tremembé, eles são os produtores das músicas.



Figura 3 – Árvore do Torém, que deu origem ao nome da dança Tremembé (Ilustração Maria Neide Teles Santos – 2010)

Elas tudo foram feitas baseadas da natureza, tudo é da natureza, feita através do rio, da cachoeira, das aves e pássaros, os animais, alimentação, a medicina tradicional, toda vida ela foi feita baseada nisso, por isso que a gente chama a dança sagrada. As músicas novas que a gente faz, a diferença tá aí...As antigas é na língua tradicional, a língua típica do povo tremembé, a língua de origem, e as novas é feita no português que nós entende. A diferença só é essa, e nós hoje temos músicas feitas de alguma maneira diferentes, mas tudo no mesmo passo, tudo na mesma origem, mas as coisas que existiam de primeiro, não existem mais. Quem pesquisou na época dos mais antigos, acha diferença no Torém, mas a diferença qual é? Por exemplo; SARAMUSSARÁ, se nós for fazer agora, já fica diferente, mas nós chama SARAMUSSARÁ, esta é uma grande diferença.

Agora é a Soia Mussará. Ela seria feita falando na pesca, num passeio... Fomos fazer um passeio, achemo uma Soia, ramos lerar pra almoçar, porque nós tem um jeito de traduzir ela... Ela é cantada num som diferente.

O Torém não era assim, porque, quando canta na própria língua, aí sim... nota a mudança. A dança também, quando nós vamos dançar que é muita gente, antes era um grupinho pequeno. Naquela época, era só os Tremembé, pouco... Era pouca gente, nós tinha poucas família, as famílias morarro tudo na lagoa seca, o resto era tudo im ruluta. Agora é muita gente, o povo aumentou, uma rodada de Torém. Naquela época, ocuparra quinze... vinte... No máximo, talvez ocupasse trinta pessoas, agora se a gente for dançar o Torém e ajuntar todo mundo, é cem, cento e cinquenta pessoas. Aí ninguém num tem mais cuma dançar o Torém cuma naquela época, todo mundo pegado na mão. Quando a gente vai fazer uma apresentação que se tira um grupo pequeno, ah! Aí nós dança do jeito antigo, nós dança pegado nas mãos.

A dança do Torém é uma dança sagrada, é diferente do toré porque o toré é uma dança mais o lado da jurema. Ela é misturada é toda acabocada, e o Torém não, o Torém é uma dança fechada, que ali num entra ninguém, e as orige também que veio se misturando muito. É uma dança cruzada, ele é especial, por isso é um risco muito grande quando a gente dança solto, por causa disso é que as veis acostuma as pessoas começar a se concen-

trar, ele tando cruzado nada encosta ali. Ele é sagrado e num encosta espírito mal, só os nossos ancestrais, mas eles conhece as nossas coisas, e daí o significado da gente dançar com a mão pegada, justamente pra se proteger, se garantir, para garantir a corrente, é uma corrente de força... uma corrente cruzada. E por isso o segredo táí, porque quando é solto tem vaga de entrar e sair alguém.



Figura 4 – Dança do Torém, ao redor da árvore do mesmo nome
(Ilustração: Maria N. T. Santos e Francisco José – 2010)

Conta ainda a liderança Tarcísio Pedro (2012) que

[...] nesse tempo dançava muita gente, tanto os indígenas como os outros. Num tinha essa bondade não, dançava todo mundo numa só irmandade. Era todo mundo misturado, e tinha uma coisa, era a noite toda, até o dia amanhecer. Prativamente, o pessoal sabia brincar. Às vezes, dia de domingo, descia era o libambo de gente lá pra Lagoa Seca passavo o dia todo bebendo mocororó e, no fim da tarde, diziam: “Tia Chiquinha, (com a Tia Chica da Lagoa Seca) vamo brincar o Torém?” Aí começava e io até o dia amanhecer. Quando era no outro domingo, de novo. Ah bom, a tia Chica e o véio Zé Miguel era chamado pra dançar fora daqui, até na Volta do Rio. O Torém nós sempre apresentemo ele aí por fora. Eu me lembro duma ocasião que nós fumo se apresentar na universidade em Fortaleza (UFC) e também no Dragão do Mar. Foi muito bom, eu era um dos tal. Esse negócio do povo dizer que não é índio, é duns tempo pra cá, prativamente não tinha isso não, era um povo só.



Figura 5 – O Torém de antigamente (Foto: Carlos Estevão – 1940).

Segundo o relato da liderança Estevão Henrique, da Tapera,

O Torém, quando eu alcancei, era a Raimunda Pé de Caco, a Raimunda Ferreira, Puluchera, Birica, Conceição Caboré, Maria Angelca, Mamede, Cândido Ferreira, Zeferino, esses índios velhos dançavo o Torém com distância de meia légua. Quando os portugueses chegaram aqui, num podio ouvir as músicas, que io atrás pra matar. Isso tudo do lado da praia. O Zé Miguel, a Tia Chiquinha, a Graça Ferreira, Mané Ferreira, tudo irmão, do meu conhecimento do que eu alcancei. Zefa Quirino e Maria Quirino, as duas são irmãs.

As músicas eram muito diferente das de hoje, as músicas, os passos, e assim... duma música era noite todinha. As música se inventava com a vida dos animais, no canto dum pássaro, no passo dum animal, justamente as música era feita assim. A dança era todo mundo pegado nas mãos, e só se dançavo mais no período do mocoioró. A gente ia dançar o Torém em outras parage, o pessoal convidava e a gente passava a noite todinha... quando se sentia cansado, dizia “vamo pará a roda”, aí se sentava ao redor duma fogueira própria pro momento, e todo mundo ia fumar, cada um com seu cachimbo.



Figura 6- O Torém dançado debaixo das quintas doces.
(Foto: Carlos Estevão – 1940).

Capítulo IV



A ORIGEM E O SOTERRAMENTO DA IGREJA DE ALMOFALA

Segundo o relato de alguns mais velhos, a igreja de Almofala surgiu a partir de uma mulher que lavava roupa em uma lagoa e encontrou, dentro dela, a imagem da santa de ouro. Outros já contam um pouco diferente, que foram índios pescadores que a encontraram. Ao encontrarem a santa, levaram para mostrar ao seu povoado.



Figura 4 – Ilustração de um dos relatos da forma como a santa foi encontrada. (Ilustração: Willame Tremembé).



Figura 5 – Ilustração do relato de como santa foi encontrada pelos pescadores. (Ilustração: Maria Paulina dos Santos)

O povo dizia que era pescador que ia pescando, aí achou essa santa, e diz que era de ouro, e práticamente tudo isso era fácil, tudo isso tinha (LIDERANÇA TARCÍSIO PEDRO).



Figura 6 – Desenho da primeira capela, de taipa, construída para a santa, à beira da praia. (Ilustração: Willame Tremembé – 2010).

Preocupados com a imagem, eles resolveram construir uma capela de taipa que ficava bem próximo do mar. Levaram a mesma e a colocaram na igrejinha de taipa. Daí, então, eles passaram a festejar a mesma com seu próprio ritual, se juntavam para dançar o Torém em frente à igreja, mas também tiravam o terço, dizendo as seguintes palavras “Maria Lavareda, salta aqui, salta acolá, quero ver agora...”

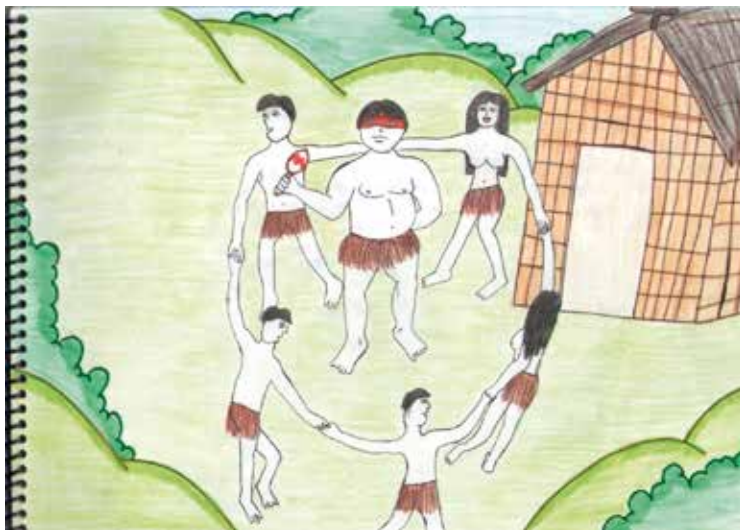


Figura 7- Os índios dançando o Torém defronte à capela.
(Ilustração: Willame Tremembé – 2010)

Com a chegada dos europeus, ao verem a santa, sabendo que a mesma era muito valiosa, tiveram interesse em trocá-la por outra de louça e prometeram construir uma igreja de alvenaria; continuaram a insistir, e os índios continuaram não concordando. Porém, a princesa Isabel participou também dessa negociação, mas, mesmo assim, os Tremembé resistiram. Diante dessa resistência, os europeus levaram a imagem à força, ou seja, sem a permissão dos seus verdadeiros donos. Dizem que foi uma briga perigosa. Enquanto uns brigavam pela santa, alguns europeus vieram por trás e a roubaram. Alguns anos depois, os europeus trouxeram a santa de louça, junto com ela, o material para construção da igreja de alvenaria, trazido da

Bahia, que foi trazido de barco para Almofala, onde o mesmo foi descarregado pelos próprios índios. Os pedreiros que a construíram eram de fora, sendo que os índios também fizeram parte dessa construção, quebrando pedra do mar, quando a maré baixava, para colocar no alicerce da igreja. Durante a construção, eles sentiram dificuldade de continuar o trabalho. Por várias vezes, passaram a ouvir vozes que orientavam os trabalhadores em suas dificuldades. Essa obra durou por volta de quarenta e cinco anos. Com o passar dos anos, uma grande duna móvel se formou rapidamente na velocidade de cem cavalos. A partir do ano de 1797, foi entupindo a igreja e o povoado. O povo, não podendo reagir a esse grande fenômeno natural, foi obrigado a afastar-se de suas casas, as famílias foram espalhando-se pelo aldeamento, distanciando-se umas das outras, sendo que uma grande parte foi morar na Lagoa Seca. Enquanto a igreja estava sendo entupida, começou novamente uma grande briga, dessa vez, dos índios com o padre Antonio Tomaz, que veio com a missão de retirar todas as imagens para a igreja do Acaraú. A igreja passou quarenta e cinco anos soterrada. Mesmo ela tendo passado tanto tempo soterrada, os índios não desistiram da mesma. Passaram a valorizar mais esse patrimônio.

Com a força, a união e a vontade dos índios, iniciaram um longo trabalho, desenterrando a igreja. Os mesmos, em noite de lua cheia, reuniam-se. Quando não tinha lua, eles faziam uma grande fogueira para retirar a areia com cuias, e algumas mulheres carregavam areia em suas saias. Quando eles cansavam de tirar areia, iam dançar o Torém próximo da igreja, e assim amanheciam o dia. Essa atividade durou até conseguirem desenterrá-la.

Ao desenterrá-la, o povo quis retornar às suas moradias antigas, porém isso não foi mais possível, porque esses locais já estavam ocupados por invasores. A partir daí, a igreja não pertenceu mais aos índios, como antigamente, e sim, à sociedade que veio de fora. Além de terem se apossado da igreja, se apossaram das terras e proibiram os índios de falarem suas próprias línguas e praticar sua própria cultura, como dançar o seu ritual em frente à igreja.

Hoje, tudo é diferente, pois até a data de festejo da santa eles mudaram; era festejada em dezembro e hoje é em agosto.

Durante esses festejos, programados pelos padres de fora e por algumas pessoas da localidade, mas que não se reconhecem como índios, não temos mais espaço, ou a liberdade de participarmos dessa programação e muito menos de dançarmos o Torém em frente à igreja como se fazia antes. (Vicente, Luiz Henrique, Rosângela, Raimundo Henrique, Janete, Andreína, MITS, 2010).

Perguntada sobre o soterramento da Igreja de Almofala, Maria Júlia Tremembé diz que ajudou a desenterrar a igreja de Almofala:

[...] cum uma quenguinha, eu era muito pequena, num sabe? Aí num podia cum a cuia. Os grandes era cum cuia tudo naquela infieira... Um mutirão, um atrás do outro, eu me lembro como se fosse hoje, as muié e os menino tiraro a areia, e os homi tiraro as teia. Todo mundo lerrara um bulambo pa fazer a rudia pa apoiar a cuia. Às reis, nois ia de tarde, a mamãe assarra peixe e lerrara uma farinhazinha pa comer lá, lerrara também uma cabaça d'água. Nesse tempo, tinha muita fartura de peixe, o papai pegarra tanto, mas num tinha a farinha, que é o pó dirrino. Nesse tempo, minha sinhora! Da igreja, condo disintupiro, ela teve umas santas missão, muito padre, uma coisa muito bonita. E tinha também a missa da meia-noite, tipo a missa do Natal. Aí nois se deitarra no pé da igreja, esperando a hora. Nesse tempo, a gente podia andar, num tinha os carralo sem cabeça como hoje, minha filha, tudo era calmo.

O morro rinha camiando até chegar na igreja, aí foi indo, foi indo, até que cubriu, mas ninguém nunca esperançarra que esse morro fosse cubrir a igreja. Quando o morro foi cobrindo, aí tiraro os santo de dentro, eu sempre ia oiarr. As santa guardarar na casa do finado Chico Soisa.

Aí depois que ela se disintupiu, roltaro com os santo pra igreja. Eu me lembro de uma noite que nois tarra tudo lá, e aí chegou um jipe, aí nois se lerantemo, todo mundo cum aquele fogo bem mudernim. Era fora de hora, aí quando nois se pusemo tudo em pé, ele roltou pra trás. Era nesse dia que io robar os santo, ta rendo!

Mas cumo nois tarra lá, num deu mais. Cum uns dois a três dias, riero e robaro os santos e, na minha mente, era São Benedito, Nossa Senhora das Graças... esses santo, robaro. Era tudo de ouro, purisso eles tinha o interesse purelas.

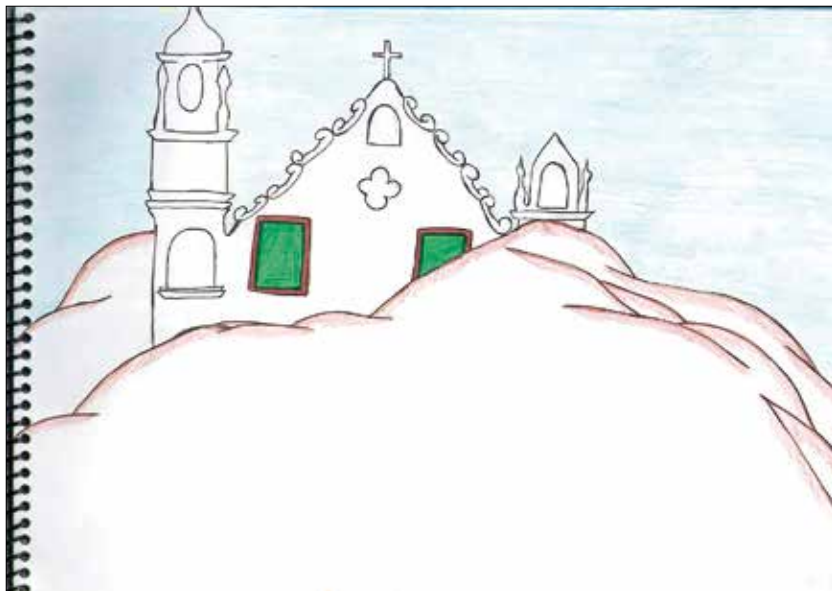


Figura 8 – A Igreja de Almofala sendo soterrada pela duna.
(Ilustração: Willame Tremembé – 2010).

Dona Conceição, conhecida como Teté, assim se refere à Igreja de Almofala:

Quando eu me entendi, a história da igreja já existia, mas meus pais contarro que, nas noites de lua cheia, eles sempre io ajudar a desentupir. Lerraro cuia; nesse tempo tinha muita cabaça que darra pá fazer as cuias. Muitas coisas foro lerradas da igreja, o sino que era de zinco este foi pras banda do Acaraú.

Eu me lembro que o cemitério era ali pro lado debaixo da igreja. Ali no Santo Cruzeiro, no lugar do cemitério, era só entã, búzio, casca veia e pé de ciumeira,

nem era cericado num era. Uma vez, fui até lá no cemitério rezar... Eu e a mamãe.

Os santos da igreja eles tiraro porque o morro ria cubrindo, mas lerraro pra casa de alguém... e de lá robaro e pronto, num dero nem satisfação. A igreja da Mofala era primimente, ela foi feita pra ser primimente mermo (Tio Augustinho interrompe; a igreja de Almofala foi mostra da igreja de Bahia. Essa cabeça de morro que cubriu a igreja, se formou no Luiz de Barro e aí foi descendo até que entupiu a igreja).

Pelas lembranças puxadas da liderança Estevão Henrique, em 2012, a história aconteceu assim:

A igreja foi enterrada, que chegou até fazere estrada por cima dela, mas sem saber que ali tinha uma igreja. Aí o vento foi soprando, soprando, até que desentupiu a cruz. O povo perguntava quem tinha morrido ali. E o vento continuou soprando, até que descobriu o meio dela, aí se juntaro aquelas famílias e io desentupir. Eu com essas mão que Deus me deu, ajudei a desentupir. Todo mundo, com cuia, se juntavo, era aquela multidão, assim por hora dessa (cinco horas da tarde). Aí anoitecia lá e ficava até de madrugada. Tudo isso nas noite de lua, deixemo ela no piso, a madeira da sacristia arriou, só isso. O resto tudo ficou bom.

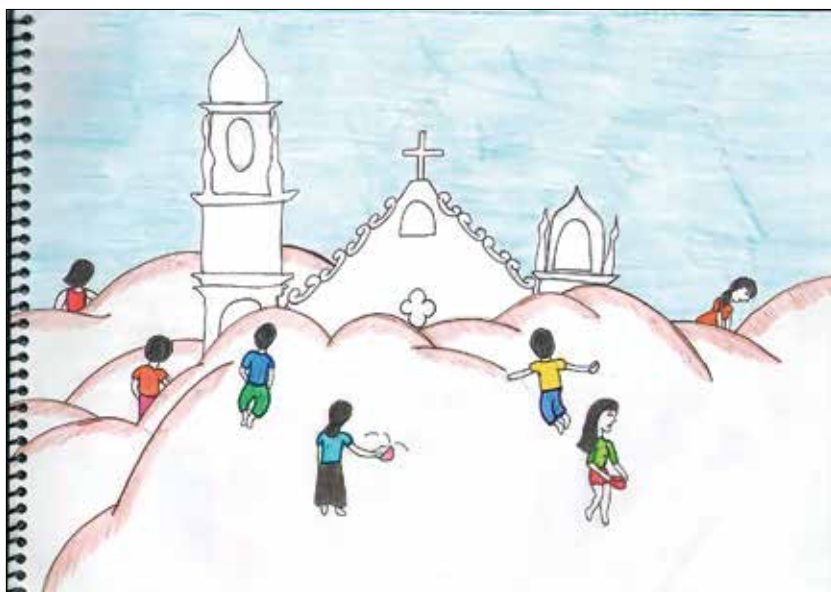


Figura 9 – Os índios tirando areia para remover a duna.
(Ilustração: Nayane de Sousa Santos – 2010)

Aí o Barrosinho, um senhor aqui de cima, não sei se é daqui das bandas do Maceió, chegou e reformou a igreja. Era um caripina (carapina). Na metade do serviço, o dinheiro do véi faltou, ele encostou o trabaio. Aí se juntaram Adonias Alves e os Filomeno, João Jaime se juntaro e terminaram o serviço da igreja da Almofalhinha, que, nesse tempo, era Almofalhinha. E aí trancaram a igreja. Aí os índios io brincar na porta da igreja, num brincavo mais no mato, só na frente da igreja. Aí chegou o padre Sabino, do Acaraú, para fazer as missa. Era nove dias de festa. Ele trazia as músicas, a ola. Nesse tempo, o povo vinha de fora, chegava, e aí não voltavo mais. Almofala cresceu assim.

Os santos chegaro depois que acharo a santa. A santa foi os pescadores que acharo. Foi dois pescador pescar, chegaro no caminho, viro o fogo, ficaro admirado, espantado, porque todo dia passavo ali e nunca viro aquele fogo. Aí chegaro perto, passaro a mão, e os olhos fitado neles, as tochas de fogo. Aí se aproximaro e viro que era uma santa. Um ficou no local, o outro foi chamar

os outros na aldeia. Chegando lá, aí levaro a santa pra dentro da Almofalhinha, fizeram um jirau e botaro a santa em cima, e toda noite io adorar a santa. Se ajoelhavo e io rezar. Aí quando a história saiu, foi aos ouvidos da princesa Isabel. Aí viero e roubaro a santa. Foi uma briga danada, que o sangue deu no meio da canela. Assim contava o meu pai. Foi a princesa Isabel quem mandou essa outra santa, Nossa Senhora da Conceição, e aí depois viero os outros santos.



Figuras 10, 11, 12 e 13 - Igreja de Almofala, depois de ser desenterrada.
(Foto: Carlos Estevão - 1940).

Capítulo
V



A LUTA DO POVO TREMembÉ NA ATUALIDADE: a educação diferenciada e a formação dos professores

A Escola Diferenciada para o povo Tremembé teve seu início em 1991, com a iniciativa da professora Raimunda Marques, a Raimundinha, na Região da Praia. Quando a mesma iniciou essa descoberta de saberes, não tinha o espaço apropriado para o momento; a “escola” era um galpão com piso de areia, os bancos eram pedaços de coqueiros, e os cadernos eram folhas de ciumeiro. Mas, naquele tempo, já era uma escola diferenciada. Ela ensinava um pouco de leitura e escrita, e depois, todos juntos, iam pra beira da praia dançar o Torém.

No momento do Torém, ela ensinava carinhosamente cada um que estava no círculo, pois o intuito não era só dançar o Torém, talvez até como brincadeira, mas sim, aprender cada passo, cada música, e o melhor, a importância da dança do Torém para cada criança Tremembé. Ali nasceu o fortalecimento dessa luta e dessa dança para as novas gerações.

A Escola Diferenciada tornou-se instrumento de luta pela terra, porque é espaço de reuniões e discussões da comunidade, articulação de ações referentes à luta, e também porque trabalha com as crianças e jovens a história e a cultura Tremembé, reforçando a identidade étnica.

Dona Conceição, também conhecida como Teté, moradora da Varjota, assim se expressa:

A escola surgiu devido à necessidade que nossos filhos enfrentava. Era uns tempos muito difícil, aí os mais velhos se juntava e sempre conversava a respeito. Era o Augustinho, o Raimundo Ticum, a Luiza, o Valdir, a Diana e os outros. Sempre eles dizia “vamos arrumar uma pessoa pra ensinar nossos filhos”, daí surgiu essa ideia de criar uma escola para nossos filhos aprender. Aí tivemos a ideia nós tudo junto, nós mais veio, nós sempre dizia que nós tinha que arrumar uma escola onde nossos filhos pudesse aprender e não sofrer.

O nome Escola Diferenciada foi porque era nossos filhos ensinando nossos filhos mesmos. Nós foi quem tivemos a ideia, conversamos e aí apresentamos para a Maria Melia, porque, na época, era ela que estava mais à frente dessas coisas. Nós apresentamos a ideia, aí ela aprovou, se prontificou pra arrumar uma pessoa pra ajudar. E nós aqui na comunidade discutindo se juntávamos nas bocas de noite, nas casas de farinha, nos terreiro das casas de famílias. Era onde nós se juntava pra programar as coisas; era sobre a Escola Diferenciada, era sobre uma viagem, porque de dia era todo mundo trabalhando na roça, era pescando pra arrumar um bocado pra comer e, de noite, nós se juntava para decidir as coisas. Aquilo os mais velhos conversaram, e os mais novos estava sempre ali pra apoiar em tudo, porque a luta maior era pela moradia pra garantir seu espaço.

A liderança Diana, da aldeia da Varjota, descreve assim o início da luta pela Escola Diferenciada:

[...] já fazia muito tempo que se clamava por uma escola diferente, e a Maria Amélia sempre batia em cima do povo para que se criasse. Essa escola, pra ser criada, houve muita luta. Muita reunião, para que a gente pudesse criar. O povo do Córrego João Pereira também tava junto com a gente. Teve até uma reunião com o Napolini, (Secretário de Educação do Estado do Ceará, na década de 1990), onde eu conversei com ele, e ele me fez muitas perguntas a respeito da escola. E aí me perguntou por que a gente queria uma escola diferenciada, e eu disse

que a gente queria uma escola que não mudasse nosso jeito de ser, onde a gente pudesse dizer quem somos e não ser discriminados.

Essa escola teve todo o apoio das lideranças, onde cada uma se empenhava pra conseguir essa escola diferenciada, para que nossos filhos pudessem aprender sem serem discriminados, dizer “sou índio” e não sofrer agressões de ninguém.

Essa escola diferenciada nasceu dentro da luta pela terra, onde ela é uma força muito grande nessa luta.

Cada criação que se tinha nesse processo da escola diferenciada era algo que reforçava a luta.

Quando se imaginava em organizar alguma coisa nessa luta, era sempre pensando na melhoria da luta pela terra.

Os relatos de D. Conceição (Teté) e de Dona Diana nos dão conhecimento de que, enquanto na Região da Praia acontecia a Escola Alegria do Mar, com a professora Raimundinha, construindo o processo da Educação Diferenciada, também se desenrolou, na Região da Mata uma experiência similar, em 1984, conforme nos conta uma das primeiras professoras a atuar na Escola da Varjota, Maria da Conceição Moura:

Antigamente, aqui não existia escola. No ano de 1984, comecei a ensinar uma turma de 45 alunos, por conta dos pais. Cada um dava um pequeno agrado e, com esta pequena quantia, eu comprava material escolar, como giz e até caderno para alguns alunos, aqueles que os pais não tinham condições. E nessa peleja, passei dois anos.

Diante de todas as dificuldades enfrentadas no dia a dia escolar, um dia ainda chegou no salão uma carrada de polícia a mando da Ducono. Primeiro, a Teté veio me avisar, dizendo que eu não me assustasse, porque ia chegar ali uma carrada de polícia, mas o pessoal já estava todo sabendo, iam vir todos armados com foices, facão, enxada, como se estivesse brocando, e eu tentasse acalmar as crianças. Aí chegou o povo daqui da Varjota, e logo chegou a carrada de polícia; as crianças todas se alvoroçaram, uma até desmaiou, outras entraram em desespero, e outras pularam pela janela e saíram correndo em desespero.

Nesse tempo, era professor índio ensinando alunos índios, mas não se podia dizer, devido à opressão que era muito grande.

Foi um tempo de muita aflição; aqui ninguém vivia sossegado.

Segundo o pesquisador José Mendes Fonteles Filho (2003), a Educação Diferenciada constitui-se em instrumento de luta pela terra, mobilizando o povo Tremembé tanto internamente quanto externamente, sendo provocadora de articulação com todos os “outros”. Em nível local, ela é expressão de autonomia e fortalecimento de sua identidade, contribuindo para sua mobilização social e política.

Maria Neide, uma das primeiras professoras da Escola Diferenciada na Praia, e que ainda hoje atua na mesma, conta as experiências vivenciadas àquela época:

A experiência da escola lá da Praia começou devido à discriminação, porque os alunos estudavam na escola convencional e sofriam muito devido à mesma. “Os alunos não índios perguntavam: “Quantos calangos tinham comido naquele dia?”, e as crianças indígenas sempre reclamavam.

Então seu João Venâncio, cacique, perguntou se a Raimundinha queria ensinar, e ela aceitou. Como não tinham material, os alunos escreviam em folhas de ciumeiro. Essa escola funcionava à tarde, num salão que existia na aldeia da Praia, bem na beira do mar. Escreviam um pouco, que eram as letras do alfabeto, e os números, e a dança do Torém, sendo que a dança era na beira da praia, ao pôr do sol. Eles saíam do salão, todos pegados nas mãos. Ela ensinava atenciosamente as músicas e os passos do Torém. Ela ensinava como voluntária, e deram o nome pra essa escola de “Alegria do Mar”. Isso aconteceu no ano de 1991.

O salão caiu, eles construíram outro, sendo que o segundo salão, as mães agradavam a professora Raimunda com uma pequena quantia de dinheiro. Quando o segundo salão se destiorou, não deu mais pra fazer devido ao morro, que já tinha entupido

grande parte. Depois a escola esteve um tempo parada e, quando retornaram, aí funcionava na casa de João Venâncio. Depois de um tempo, na casa do Antonio, filho dele. Depois se mudaram para uma casa antiga de um parente do Zé Raimundo. Nessa época, a Samanda ajudava a Raimunda, pois o número de alunos já tinha aumentado. Depois a Samanda saiu, e a Dijé entrou para ajudar. Dijé saiu e entraram Aurineide e Silvana (missionária), para colaborar nos processos de ensino, e também nesse tempo, o nome da escola mudou para Maria Venância, em homenagem à Maria Venância, mãe de João Venâncio.

Nesse período, Aurineide e Silvana eram voluntárias, e a Silvana conseguiu para Raimunda, com a Igreja Presbiteriana de Maringá, uma ajuda de R\$ 50,00. Essa mesma Igreja, de vez em quando, ajudava com doação de blusas, cadernos, lápis, borrachas, etc.

Nesse tempo que a escola começou a funcionar na Maria Venância, os alunos já não ia mais à praia dançar o Torém, mas se dançava na própria escola.

Na escola por nome Maria Venância, a estrutura física já era bem melhor, sendo um galpão de palha, dividido em salas de aula.

Quando a missionária Silvana foi embora, em julho de 2000, foi que Neide Teles se inseriu nessa escola para ficar com a turma que era da missionária. Nesse tempo, já existia uma divisão de séries. Cada professora já era responsável por sua turma e já tinha alunos do Panã que estudavam nessa escola. Em outubro de 2000, os professores passaram a ser remunerados pelo Estado, através de convênio entre o CITA (Conselho Indígena Tremembé de Almofala), e a SEDUC. Em 2002, chegaram mais alunos, que eram do Saquinho, Lameirão e Panã, e já tinha transporte escolar. Vale ressaltar que todos os professores que ingressavam na Escola Diferenciada eram indicados pelas suas comunidades.

Antigamente, na luta Tremembé, era somente as pessoas mais velhas que enfrentavam esta batalha, e com o surgimento das escolas diferenciadas, conseguiu-se

trazer os jovens a se engajar, se empenharem na luta da demarcação da terra Tremembé. Muitos desses jovens ingressaram nas escolas e assim, os demais jovens se aproximaram mais da luta.

Já a experiência no Saquinho começou depois, pois, logo no início da educação diferenciada, os mais velhos da comunidade de Saquinho não quiseram fazer parte dessa experiência. As pessoas da Praia, que eram Neide, Raimunda e Vilamar (*in memoriam*), tentaram uma conversa sobre o assunto, mas a comunidade não aceitou, argumentando que não tinha ninguém preparado. Somente no ano de 1999, a Jacinta, incentivada pelo avô, decidiu participar das formações para professores e se inseriu no processo.

Hoje, a Escola Diferenciada tem um papel fundamental na luta Tremembé, pois a juventude tem uma participação mais ampla nas assembleias e nos demais eventos relacionados ao movimento indígena no Ceará, despertou mais interesse em aprender sobre os assuntos indígenas, e hoje é algo que está interligado; a escola é instrumento na luta pela terra. Como diz a liderança Calixto, de Tapera, “a escola é fruto da luta e reforça a luta”.

Gilsa, 25 anos, que hoje é professora, foi aluna desta “escola” e conta:

Quando eu comecei a estudar foi na Escola Alegria do Mar. Minha professora era a Raimunda, porque, naquele tempo, só tinha ela que sabia ler. Aí as mães a escolheram, porque elas não confiavam que os filhos estudassem fora, devido à discriminação que era muito grande.

A escola era um vagão (espaço muito grande, onde não havia divisão de salas) não tinha cadeira. A gente se sentava nos tijolos ou em pedaços de coqueiro. Nesse tempo, a escola não tinha um horário exigido. Estudar naquele tempo era algo prazeroso.

A gente estudava um pouquinho só, por exemplo, ela ensinava o alfabeto, e depois a gente ia pra praia dançar o Torém. No momento do Torém que ela nos ensinava,

tinha todo cuidado de ensinar as músicas, os passos, tudo bem direitinho e sempre repassava a importância do Torém.

Ilaneide, aluna da Escola Diferenciada de Varjota relata sua vivência neste tipo de escola:

Desde quando eu comecei a estudar que eu estudava na Escola Diferenciada de Varjota mais ou menos com sete anos e com a professora Conceição.

Todo meu desenvolvimento e conhecimento foi lá como aluna e também como pessoa. Fui crescendo, e também foi aumentando o número de professores, todos daqui. Mas eles não ensinavam só os conhecimentos dos livros, mas os deles também, e os conhecimentos dos mais velhos. Isso é o importante de estudar em uma escola diferenciada; conhecemos nossas origens, os costumes, pra se estar na luta, para ser um cidadão Tremembé. Lá conhecemos o que somos e lá não é só eles que são os professores. Aprendi muito também com as histórias das lideranças, dos mais velhos, e a importância do Torém. Foi na escola diferenciada que eu comecei meus estudos e terminei até o 3º. ano do Ensino Médio.

Desde o ano de 2001, os professores Tremembé vêm fazendo uma caminhada de formação diferenciada, que se iniciou com o MIT— Magistério Indígena Tremembé, sendo que esta formação aconteceu dentro das aldeias, construindo seu projeto político-pedagógico — PPP, com a participação de todos, pais, alunos, lideranças, enfim, o povo Tremembé, em parceria com a Universidade Federal do Ceará, num projeto de extensão da professora Sandra Haydée Petit, e outras instituições, como Igreja Metodista, com a presença da missionária Karla Virginia Cavalcanti; Conselho de Educação do Ceará, através da pedagoga Raimunda Sonha Malaquias; o então pesquisador da UFC José Mendes Fonteles Filho; Seduc — Secretaria de Educação Básica do Ceará; FUNAI — Fundação Nacional do Índio; CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço, e outros.

A partir do ano de 2006, os mesmos professores Tremembé iniciaram a formação diferenciada em Nível

Superior, cursando o MITS - Magistério Indígena Tremembé Superior, concluindo o mesmo em 2012, com a mesma metodologia vivida no MIT, tendo como coordenador geral do curso o Professor Doutor José Mendes Fonteles Filho, acrescentando novos parceiros, como o MEC - Ministério da Educação e Cultura, através do Prolind — Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas; Capes — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, através do Pibid — Programa de Iniciação à Docência; Prefeitura Municipal de Itarema, e outros.

O MITS provocou uma consciência maior do ser Tremembé, aperfeiçoando o processo político das articulações feitas em prol da luta pela terra e pela Educação Diferenciada, e pela autonomia do povo Tremembé.

Todos os TCCs - Trabalhos de Conclusão de Curso, produzidos ao final deste Curso, foram voltados para a produção de material didático, a ser utilizado nas escolas Tremembé, proporcionando maior conhecimento do meio ambiente Tremembé, das lutas do povo, e da garantia de sua autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta indígena no Brasil e no Ceará vem-se arrastando há vários anos, e isso fez reaparecer muitos grupos indígenas que viviam escondidos, especificamente o povo Tremembé.

Muitos, no início dessa luta, não se identificavam, com medo da grande opressão, ou de serem mortos, pois “ser índio”, antigamente, era algo estranho para os almofalenses, sendo que, com essa negação étnica, o povo Tremembé perdeu grande parte de sua terra e foi forçado a esconder sua cultura e sua identidade.

Durante a luta pela terra, os povos indígenas, incluindo o povo Tremembé, tiveram várias conquistas, entre elas a participação nos movimentos sociais do Ceará, e das demais instâncias de poder. Com esses acontecimentos, algo veio a melhorar na vida desses nativos e verdadeiros donos da terra.

Na luta pela terra, o povo Tremembé ganhou um espaço relevante na questão da autoidentificação perante a sociedade não indígena, conquistando a atenção da mídia, das entidades governamentais, ONGs e de parceiros envolvidos na demarcação das terras indígenas, que se colocam à disposição para ajudar não só na luta pela terra, como também em várias outras lutas e conquistas desse povo, como educação, saúde, segurança alimentar etc.

A história é um relato dos acontecimentos que estão interligados à vivência do dia a dia, numa busca contínua

de aprimoramento para o presente, tendo como ponto de partida as fontes orais, colhidas nas memórias dos mais velhos, as quais, por sua vez, são referências para a construção do futuro.

Assim podemos revitalizar a história dos antepassados, tendo clareza de escutar os mais velhos, porque a oralidade é fonte de sabedoria e fortalecimento na caminhada, garantindo a sobrevivência do povo Tremembé. É um meio de observar cuidadosamente o próprio espaço, ouvindo todas as pessoas que têm informações valiosas a repassar, para que, nessa junção, possa se reconstituir a história Tremembé, garantindo a luta pela terra.

O que se conta, neste livro, é apenas uma parte de tudo que foi vivido, detalhes que ganharam importância nas histórias contadas pelos mais velhos, devido ao seu impacto que perdura ainda nos dias de hoje.

BIBLIOGRAFIA

BORGES, Jóina Freitas. *Sob os areais: arqueologia, história e memória*. 2006. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), UFPI, Teresina.

ESTÊVÃO, Carlos. *Fotografias da igreja de Almofala*, 1940.

FONTELES FILHO, José Mendes. *Subjetivação e educação indígena*. 2003. Tese (Doutorado em Educação), UFC, Fortaleza, 2003.

GOMES, Alexandre; VIEIRA, João Paulo; MUNIZ, Juliana. *Povos indígenas do Ceará*, Fortaleza: 2007.

MIRANDA, Janete Souza et al. *Medicina tradicional do povo Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

JACINTO, Raimundo Félix; MATIAS, Márcia Maria; SANTOS, Maria Ivonete dos. *Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu território*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

JACINTO, Rita Félix; NASCIMENTO, Maria Gilsa do. *História da educação diferenciada Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

NASCIMENTO, Edileusa Santiago do. *Identidade e memória dos habitantes de Fortaleza-CE, originários da comunidade Tremembé de Almofala-CE: ramos de raízes indígenas em*

trânsito. 2009. 312 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) PUC, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto. *Torém: Brincadeira dos índios velhos*. São Paulo: Annablume. 1998.

SANTOS, Claudevanda; SANTOS, Raimundo Henrique dos. *A pesca no mar de Almofala e no rio Aracatimirim: história dos pescadores Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, José Getúlio et al. *Primeiras letras na cultura Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, José Vicente dos; SANTOS, Luiz Henrique dos. *Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, Maria Andreína dos. *Os encantados e seus encantos — Narrativas do povo tremembé de Almofala sobre os encantados*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, Maria das Graças Moura; SILVA, Jacinta Santos. *Dicumê tremembé de antes e de hoje*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, Sebastião Ovildo dos; SIQUEIRA, Rita de Cássia. *O aldeamento tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto - Ontem e hoje*. 2012. Monografia (Licenciatura em Magistério Indígena) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SOUZA, Maria Bruhilda Telles de. *Mitos e símbolos na migração praiana “o caso de Almofala”*. 1983. Dissertação (Mestrado em Sociologia), UFC, Fortaleza.

GLOSSÁRIO

Aboletava - alojava, instalava

Âmbar-gris - substância coletada na praia, formada pelo excremento de baleias e utilizada como fixador de perfumes.

Cavalo braiador - cavalo de trote.

Libambo - grande quantidade de pessoas.

Peleja - luta, guerra.

Quintas doces - plantações de cajueiros que produzem caju doces.

Restringido - reduzido, apertado, diminuído.

ANEXOS

(Entrevistas)

ANEXO 1

ENTREVISTA COM TIA MARIA JÚLIA em 3 de maio de 2012

Tia Maria Júlia Tremembé, 76 anos de idade, nasceu na década de 1936, é parteira e moradora da aldeia Varjota. Nasceu e se criou nessa área, hoje é viúva, mora com um filho adotivo e ajudou no processo de desenterrar a Igreja de Almofala, que tem como padroeira Nossa Senhora da Conceição. Ela ajudou a desenterrar a Igreja de Almofala, tirando areia, conforme ela diz:

[...] cum uma quenguinha, eu era muito pequena, num sabe? Aí num podia cum a cuia. Os grandes era cum cuia tudo naquela infieira... Um mutirão, um atrás do outro, eu me lembro como se fosse hoje, as muié e os menino tiraro a areia, e os homi tiraro as teia. Todo mundo lerrara um bulambo pa fazer a rudia pa apoiar a cuia. Às reis, nois ia de tarde, a mamãe assarra peixe e lerrara uma farinhazinha pa comer lá, lerrara também uma cabaça d'água. Nesse tempo, tinha muita fartura de peixe, o papai pegarra tanto, mas num tinha a farinha, que é o pó dirrino. Nesse tempo, minha sinhora! Da igreja, condo disintupiro, ela teve umas santas missão, muito padre, uma coisa muito bonita. E tinha também a missa da meia-noite, tipo a missa do Natal. Aí nois se deitarra no pé da igreja, esperando a hora. Nesse tempo, a gente podia andar, num tinha os carralo sem cabeça como hoje, minha filha, tudo era calmo.

Entrevistadora: Como perceberam que o morro ia entupir a igreja?

Tia Maria Júlia: O morro rinha camiando até chegar na igreja. Aí foi indo, foi indo, até que cubriu, mas ninguém nunca esperançarra que esse morro fosse cubrir a igreja. Quando o morro foi cobrindo, aí tiraro os santo de dentro, eu sempre ia oiar. As santa guardaro na casa do finado Chico Soisa.

Entrevistadora: E depois o que fizeram com os santos?

Tia Maria Júlia: Aí depois que ela se disintupiu, roltaro com os santo pra igreja. Eu me lembro de uma noite que nois tarra tudo lá, e aí chegou um jipe, aí nois se lerantemo, todo mundo cum aquele fogo bem mudernim. Era fora de hora, aí quando nois se pusemo tudo em pé, ele roltou pra trás. Era nesse dia que io robar os santo, ta rendo! Mas cuma nois tarra lá, num deu mais. Cum uns dois a três dias, riero e robaro os santos e, na minha mente, era São Benedito, Nossa Senhora das Graças... esses santo, robaro. Era tudo de ouro, purisso eles tinha o interesse purelas.

ANEXO 2

ENTREVISTA COM DONA CONCEIÇÃO (conhecida como Teté – moradora da Varjota)

Entrevistadora: Teté, como é essa história da igreja de Almofala?

D. Conceição: Quando eu me entendi, a história da igreja já existia, mas meus pais contarro que, nas noites de lua cheia, eles sempre io ajudar a desentupir. Lerraro cuia —, nesse tempo, tinha muita cabaça que darra pá fazer as cuias. Muitas coisas foro lerradas da igreja, o sino que era de zinco este foi pras banda do Acaraú.

Eu me lembro que o cemitério era ali pro lado debaixo da igreja. Ali no Santo Cruzeiro, no lugar do cemitério, era só entã, búzio, casca veia e pé de ciumeira, nem era cericado num era. Uma vez, fui até lá no cemitério rezar... Eu e a mamãe.

Os santos da igreja eles tiraro purque o morro ria cubrindo, mas lerraro pra casa de alguém...e de lá robaro e pronto, num dero nem satisfação. A igreja da Mofala era primimente, ela foi feita pra ser primimente mermo (Tio Augustinho interrompe; a igreja de Almofala foi mostra da igreja de Bahia. Essa cabeça de morro que cubriu a igreja, se formou no Luiz de Barro e aí foi descendo até que entupiu a igreja).

Entrevistadora: E as famílias, Teté, quem eram?

D. Conceição: As famílias... Eu chego a me lembrar da veia Don dom, Pedroca, Chico Soisa, que era o comerciante que tinha lá, tinha também a Belinha, Os Barros... Quando eu me entendi, esse porro tudo já morarro ali na Almofala. Esse porro tudo são índio, originário de Almofala. Nessa época, as famílias eram essas.

Entrevistadora: Mas se identificavam?

D. Conceição: Não... Ninguém era nem doido de dizer que era índio. Esse porro tudo são originário daqui da Mofala. Os Cormo...Os Cormo são da Mofala...Eles tão no Córrego das moça, porque cunheciam os fazendeiros e aí io se imbora. Mas a orige deles é aqui de Almofala.

Entrevistadora: E os que chegavam a Almofala como faziam para morar?

D. Conceição: Há... Esse porro que chegarro em Almofala tinha aquele pedaço solto, porque a terra era livre. Aí eles chegarro e se apossarro (Tio Augustinho interrompe: “Naque-la época, eles tudo eram índio, dançarro o torém... Mas num dizia que era índio não! Assim Cuma nois do lado de cá, nois aqui quando cumeçemo, nois num podia dizer que era índio, nois fazia tudo, dançarra o torém... vinha até gente de fora pra ver, mas num podia dizer, porque o puder pressionarra muito, os invasores o opressor”).

ANEXO 3

ENTREVISTA COM LUIZ MANOEL DO NASCIMENTO (pajé Luiz Caboclo) em 1º de maio de 2012

Entrevistadora: Pajé, me fale sobre a origem do povo Tremembé de Almofala

Pajé: Meu nome é Luiz Manuel do Nascimento. Sô cuidu cuma Luiz Cabôco, pajé dus Tremembé de Almofala [...] a origem do povo Tremembé toda vida foi em Almofala [...] o porro Tremembé eles migravo aqui nesse leitoral ciarence. Eles pescavo em datas... Nois toda vida fumos fies a quem levemo a ciênça da Mata, ciênça da praia, e nois conhece munto bem os horário de maré, os horaro de [...] da lua, quando as caça sai, quando as caça tão ...é tempo da caça cume, condo é tempo dos peixe e fazia essa migração, tempo dos caju, tempo da goiaba, o tempo da mangaba, o tempo da murta o tempo da amexa, o tempo de todo essas frutera, a bosta de calango que é uma bostian piquena... a canela, o jenipapo [...] a ubaia, aí cada um tempo de cada fruta dessa. Aí migrava de toda parte, tendo onde tirava há, há,...as planta medicinal [...] aí condo era o tempo daquela... de cada uma... uma...uma coisa daquela, o povo migrava, eles...eles subio pu Rio Grande do Norte de lá eles voltavo... [...] era um continente... [...] ele voltavo de lá...e, condu chega, vium direto pá Almofala. Todo Tremembé dessa região que é cuincido cuma Tremembé. Eles têm um histórico de Almofala, têm a ver com Almofala. Toda vida foi um ponto central do povo tremembé. Eles io [...] extrema [...] a extrema do Piauí, (corrigiu) todo o Maranhão e o rio Gurupi, no Maranhão que é uma extrema do Maranhão com o Piauí, [...] não, com o Pará [...] e fazio este percurso todim, eles pescavo, [...] tubarão de flecha, lá na ia dos caju, que fica em Tutóia, no Maranhão. Lá a barra ela é rasa, e aí tem o rio que é fundo. Condo a maré enche, aí que passa em cima

da barra, que vai enchendo a barra, vai passando por cima, que aí os tubarão passa, passa pra maré. Aí, os Tremembé se armavo e io pra lá pa barra. Condo os tubarão io passando, passava quase de fora, aí os Tremembé pescavo, matava os tubarão de flecha. Todo esse percursos, muitas famílias tradicional de Almofala se mudaro, foro simhora pro Maranhão. Na época, o Maranhão era muito fabuloso, tinha essa pesquera, que era uma influência muito grande e aí se mudavo pra lá. Umas foro e voltaro, e outras nunca mais voltaro [...] e a gente conhece essas famílias lá. Nóis uma vez fomo pra lá [...] eu tenho prova disso que nós fomo lá na ordenação dum padre, o padre [...] Bernardes. Ele estudou [...] condo ele se formou, discobriu que era [...] Tremembé do Maranhão. Aí perguntou onde era que [...] o povo [...] a origem dos Tremembé, onde era que existiam, que ele [...] Aí se orientou lá com o padre, que é o padre Chaga, que também é de lá de Tutóia, que levou nós uma vez lá. Aí ele falô e mandô chamá [...] levá nós. Aí foi que eu e o João Venanço, cacique fumo pra ordenação dele. Condo foi na hora, era muito padre lá, e a gente [...] vendo! E aí eu perguntava o João Venanço: João, o que nós faz aqui no mei desses padres? Era uns nome diferente, era bispo... Aí nós fiquei se perguntando. Condo foi na hora, eles anunciaro que a bença final ficava cum nós dois. Aí contaro que o padre que tava se ordenando era tremembé, era dum povo que vem do começo dos tempo, discubrimiento do Brasil, condo o Brasil foi invadido [...] os europeus, eles contaro a história, chegaro lá, este povo existia e ele era tradicional. E, para o reconhecimento dele, ele chamou na ordenação dele as duas pessoa legítima de Almofala, que ele também, a família dele era originária de Almofala [...] aí fumo nós dá a bença final. Aí eu fui rezar uma oração, e o João foi com um ramo [...] cum ramo bento, nós benzemo uma água, e ele cum ramo fazendo a bença final. Aí, quando terminou, que nós saímo, aí [...] ficou um bando de gente recuado lá por trás, muié, homi, um povo tudo recuado lá por trás. Aí uma muié me chamo, querendo aprendê essa reza, que os avô dela era de Almofala e sabia da dita reza, e ela aprendeu e tinha se esquecido. Quando viro

eu rezá, se lembraro, e aí nós conversamo, elas disseram as orige, tudo gente originária daqui de Almofala. A família era da finada Marcionila. Com toda essa história, a gente também sabe que este leitoral ciarense os Tremembé mandaro e hoje num mando mais. Parte desse leitoral tem grupo Tremembé, na Jijoca tem um grupo Tremembé.

Entrevistadora: Mas esse grupo de Jijoca se assume como Tremembé?

Pajé: Não, não se assume. Eles são, moro lá, mas não se assume. Eles são de Jericoacoara. Nós fumo lá em Jericoacoara, mas eles não se assume como índio. Não, é um grupo que o povo num conhece, um povo nativo que tinha lá, o povo chegaro e compraro as terra deles, tumaro as terra. Eles num existe mais lá, foro expulso de lá. É um grupo de gente braba, sem dúvida, é um grupo de gente tremembé, eu tenho certeza. E tem ôto, ali perto da Granja, cumé? Camucim, em Camucim tem ôto grupo, também num se assume, sabe que tem origem tremembé, mas não se assume. O povo tremembé disse que os povos indígenas no Brasil, eles só se assume, eles só dize quem é condo tem uma... qualquer uma expulsão. ...uma criminalidade contra eles. Cuma nós aqui, nós aqui só ... são ameaçado de expulsão e de morte, nós aqui só se assumimo mesmo e cumecemos a dizê quem nós era, e andá e lutá e inserir na luta depois da chegada da DUCOCO. Antes da DUCOCO, nem o povo da Praia, eles vivio calado, sem dizer nada, dançando o Torém, e fazendo tudo isso, por conta do massacre que foi grande demais, na época da colonização. Morreu muita gente, foi uma barbaridade muito grande, teve muito crime bárbaro e aí ficou todo mundo com medo, mas nunca deixô a origem do ritual com a dança do Torém... e outras. Nunca ninguém deixô, mas se assumir mesmo por isso que o povo achava que os Tremembé num existio mais, que tava tudo ... nós tava tudo calado, é a questão daquela frase condo eu falo: “os Tremembé antigamente pra viver se calavo, e agora pra vivê temos que falar.” Por conta disso, ou nós dizia quem era ou nós tinha sido ... porque fumo negado,

dizendo que nós num existia e nós tamo aqui, contando esta história... contando cuma prova, com testemunha e nós diz isso e prova em qualquer parte. E ninguém conta esta história mió que nós, porque nós conhece toda nossa orige, do nosso passado.

Entrevistadora: Tio Luiz, e as famílias de Almofala, você lembra alguma que nunca abandonou seu lugar de origem?

Pajé: Cunheço. As famílias de Almofala, os Agostinho, nunca deixou Almofala. Eles migravo, migravo, todas essas famílias. Tem gente no Maranhão, tem gente espaiando por toda parte, os Teixeira, a família da dona Socorro, todos era aqui de Almofala e hoje tão no Córrego João Pereira. Os Cosmo, o finado João Cosmo, esse era um pajé bem antigo, aqui também de Almofala, que foi pra Lagoa dos Negros, e pra lá ele morreu, mas os Cosmo nunca saiu da Almofala. Os Ipote nunca deixaro Almofala, uma parte saiu, mas nunca foro todos. O povo da Marcionila nunca deixaro, a veia morreu, e agora eu não sei onde é que eles existem, mas toda vida permaneceram na Almofala. Os Nunes nunca sairo de Almofala também. Se alguém saiu, migrou... a Maria, irmã da Ilda, essas aí mora no Maranhão. Os Barros, também originário de Almofala, aqui vive uma grande parte em Almofala, e outros se espaiaro por aí. Mas existe a família Pereira, que é legítima de Almofala, agora o véi João Pereira era aqui das praias de cima, é Tremembé, ele migrava nessa área. A família Tomás são legítimo de Almofala. O dotô Manoelzinho é legítimo, é Tremembé de Almofala, só que num se assume. Um bocado de gente que vive aqui em Almofala, só que num se assume. Tem a família Birico, a mãe do Padre Chaguinha, legítimo de Almofala. Tudo é, é muita gente, e num se assume, e existe uma vaidade muito grande nas pessoas, achando que cresce e, no caso, num cresce, são tudo de Almofala. A família Engrácia é legítima da Almofala. O menino... o Vicente Viana, ele é Tremembé, mas não é originário de Almofala, é dos Patos, é daquela família da finada Delza. Os Tremembé que hoje estão em Itapipoca são de Almofala. Todo Tremembé que se diz Tremembé são

originário da Almofala, mas na maioria num garantiro a vida toda na Almofala.

Entrevistadora: Tio Luiz, nessa época, quando os Tremembé subiu aí a costa, teve alguma família que veio de fora e se instalou em Almofala?

Pajé: Tem várias famílias que vive morando em Almofala, que num são originária. A família daqueles que mora do Agostinho Pereira por cima, aquele que é o dito que tá querendo, que tá fazendo uma grande força, ele é um... o Pitanga, o Pitanga num é de Almofala, o Tarcísio... Aguiar, sim; aquele Tarcísio, que é farmacêutico, num é de Almofala. Agora, tem muita gente, muitas pessoas que eu num conheço em Almofala, que vinhero de fora.

Mas as pessoas que foro chegando né, foro construindo, as famílias foro chegando... se apropriando de Almofala. Então a família dos Monteiro num são de Almofala, num são daqui da região, eles são de ôta região, e aí chegaro aí, e continuaro aí.

Entrevistadora: Os Tremembé que fugiam era por conta da opressão ou da sobrevivência?

Pajé: Não, o povo Tremembé, cumo eu acabei de dizer, eles migravo, io colher fruta. O rio Aracatimirim foi a mais... foi a garantia desses que continuaro aqui o tempo todo. Eles vivio aqui condo tava dando fruta. Era uma época de peixe no rio das Moitas. Ele subio pra lá, e aí eles ia subindo nessa costa. Era fruta, todo tipo de fruta. Eles subio caçando, pescando, subio colhendo. E descio pra baixo nessa mesma atividade. Nessa época, eles ficavo numa região, passavo os tempo colhendo. Quando passava a época da fruta, eles migravo pra outra região, a pé. Quando passava a safra do peixe, eles migravo para outra região e assim io. Quando vem a colonização, eles tavo tudo espaiado. Quando eles chegaro, a colonização chegou, pronto, prendeu todo mundo. Ninguém vai mais pra nenhum canto, tumaro de conta das terra. Uma parte ficou no Maranhão, outra parte ficô... aonde tava um grupo, lá ficavo.

Agora o que te digo, originário que nunca saiu foi esse que permaneceram, que tava em Almofala, mas tudim, todos Tremembé. Condo a gente fala no Maranhão, em Tutoia... o povo de Tutoia tudim de Almofala, aqui tudim de Almofala... onde tem Tremembé, conhece a origem de Almofala, agora migravo, e, nessa época, chegou aquela lei chamada sesmaria, a lei de terra aqui, aí cada um ficou no seu canto, e aí foi onde veio a perseguição. Quem se dizia índio usando essa tradição, a catequização bateu em cima e aí foro catequizando, tirando a língua materna, insinuando, educando de todo jeito. Aí eles ficaram só aqui, cada qual com a sua origem. Tudo tem origem, só que num pudio dizer que era índio, porque, se se dissesse índio, morria. Aí todo mundo ficou parado, a partir da Constituição Federal de 1988, que é essa que tá sendo tramada hoje, eles luto pra retirar os artigos que eles se arrependeram muito de fazer, que começou dar o direito do povo indígena. Aí eles começaram aparecer. Aí contaram a história que era índio, disseram onde era. O povo Tremembé foi demarcando uma área pra eles ficarem.

O nome "Tremembé" nasceu da origem de Almofala por conta da luta, a grande luta, que lhes chamaram nativo. O povo nativo deste litoral cearense, do rio Gurupi, no Maranhão ao Rio Grande do Norte, a história nasce daí, aí a história... o nome "Tremembé" mesmo foi o povo de Almofala, que de primeiro o povo de Almofala, por conta da ... eles foram... eles ficaram traumatizados, eles ficaram muito violentos por conta da colonização, porque morreu muita gente, eles também fizeram o que deviam... a luta foi muito perigosa, por conta dos tremedáus, que era muito tremedáu e aí quem num sabia, os que vinham de fora, eles num tinham proteção sobre o tremedáu, e os Tremembé eles eram nativos, eles conheciam ... chegavam nos tremedáus, eles sabiam dominar, eles tinham a sobrevivência nos tremedáus, por conta disso, dessa luta... grande luta, aí foi que veio o nome "Tremembé" pucarro dos tremedáus, mas o nome...o nosso nome...o povo Tremembé...o nosso mesmo era o povo nativo daqui da região litorânea cearense. Eles mandaram 70 léguas da praia pra serra que é a Ibiapaba, os Tremembé brigavam

cum os Potiguara, cum os Tupi-Guarani na serra de Ibiapaba. Isso é muito difícil. Eles brigavo, mas apanharro porque os Tremembé chegarro lá muito fraco. Lá era um grupim piquinim que chegavo lá. Os Tremembé vivio mermo era aqui no leitoral. Aí eles migravo pá den... pu sertão mas só io até lá porque condo chegavo lá os ôto também chegavo e aí eles brigavo. Toda essa questão era os Tremembé querendo puxá as índias Potiguara, Guarani pra trazer pra cá e, nessa época, truxero, tem muita gente... por isso que misturô.

Entrevistadora: Você alcançou alguma coisa em relação ao soterramento da igreja da Almofala?

Pajé: Não, eu num sou desse tempo, mas meus pais, tios, os outros tudo falava, contavo muito esta história. Eles falavo que ela parece que foi mais de quarenta ano enterrada, e eles foi quem disenterraram nas noite de lua, dançando o Torém, fazendo banquete, disenterrando... disenterrando a igreja. Foro robando as coisa, o sino da igreja de Almofala, ele ainda existe. O sino maió que tinha vei de Portugal, que a rainha mandou.

Entrevistadora: Você quer deixar alguma mensagem pra quem vai ler este livro?

Pajé: Sim, há muito tempo que a gente trabaia, eu dediquei minha vida a esse trabaio, e espero ser recompensado, e a message que digo é: “Ninguém faz nada pra ninguém, cada um faz as coisa pra si e quem tiver oportunidade e corage, inteligência, use, que ela é o futuro da vida.”

ANEXO 4

ENTREVISTA COM SR. TARCISIO PEDRO (73 anos, morador de Almofala) em 6 de maio de 2012

Entrevistadora: Sr. Tarcisio, o senhor sempre morou aqui?

Sr. Tarcisio: Eu nasci e me criei aqui na Lagoa Seca, neto da Tia Chica da Lagoa Seca, sendo o João Venâncio meu sobrinho. No tempo da igreja, o povo ia com cuia, banda de coité, ou cuia de barro, iam tudo ajudar a desentupir. Deixa que o povo queria desentupir logo, porque a igreja era um ponto antigo muito importante pra nós, e o dito pedreiro que fez essa igreja também fez a da Bahia, assim dizia a veia Calata, que era avó da minha avó. Por nutiça, antigamente num tinha igreja desse jeito, ela era feita de paia de coqueiro, tinha os santinho, e o povo tudo adorava.

Entrevistadora: E essa história da santinha que acharam no mar?

Sr. Tarcisio: O povo dizia que era pescador que ia pescando, aí achou essa santa, e diz que era de ouro, e pratasmente tudo isso era fácil, tudo isso tinha. No tempo pra desentupir a igreja, o pessoal ia dia de domingo de manhã ou à tardinha, e a gente só vinha simhora no entardejar. Nesse tempo, quando chovia, as cabra ia passar a chuva dentro da igreja. Passou uns pouco de tempo, ela inutilizada. Quando chegavo lá, uns ia fofando a areia, e os outros só carregando. Primeiro tiraro de dentro, depois de fora, arredor dela todinha, fazendo aquilo tudo. E era se rindo, tudo animado, às vezes, cantavo os hinos da igreja. Quando desentupiro, aí foi remontar. Aqueles índios que tinha boa consciência io ajudar, apareceu um fulano chamado Barros, que fez toda a limpeza nela, remontou toda, fez todo trabaio. Aí depois butaro os santo. Eu sei que o santo cruzeiro veio por mar.

Nesse dia, foi muita gente... gente demais, nesse dia, era uns caindo por cima dos outros, e aquele que caía num tinha nem licença de se levantar, ninguém nem escutava as fala, só com o truvejo de foguete. Chovia gente de toda parte. Nesse tempo, tinha muito índio daquele pessoal mais antigo.

Entrevistadora: Teve alguma família daqui que foi embora?

Sr. Tarcisio: Teve um que é Tremembé mesmo que foi embora e nunca mais voltou, ele foi simhora quando formaro o aldeamento Tremembé.

ANEXO 5

ENTREVISTA COM FRANCISCO MARQUES DO NASCIMENTO (cacique João Venâncio) em 24 de abril de 2012

Eu me chamo Francisco Marques do Nascimento, nome de assinatura de documento. Nome conhecido em termos de aldeamento é o cacique João Venança. Tenho 58 anos de idade, nasci e me criei aqui. Nossa morada de origem é a Lagoa Seca, é aqui bem pertinho daqui. Assim o que eu alcancei do meu povo, da minha história, do aldeamento começando pela igreja. A igreja foi feita em 1712. Depois dela feita, passou uma duna móvel, entupiu não só a igreja, como entupiu todo o aldeamento e, depois que o morro passou, que ela começou a se descobrir por fora, aí ficou entupida por dentro. O pessoal se juntava nas noites de lua cheia. Aqueles grupos de homens e mulheres e iam passando a noite trabalhando na igreja, tirando areia de dentro. Os homens eram com padiola, feita de saco com uma grade de pau, botava dentro. E as mulheres, quem tinha cuia, era a cuia, de cabaça, quem não tinha, era na saia. As mulheres usavam uma saia comprida, se escorava lá, puxava a areia pra dentro, pegavam no canto da saia, levava e rebojava pro lado de fora. Desse jeito, desentupiram a igreja. Aí com o decorrer do tempo, ela ficou distorrida. Aí apareceu um fulano de tal, Raimundo Barroso de Matos, eles se juntaram e fizeram uma nova reforma na igreja.

Entrevistadora: Sr. João, o Raimundo Barroso é daqui de Almofala ou é de fora?

João Venâncio: Não, ele era de fora, parece que foi um viajante que apareceu por aí, aí se juntaram com o pessoal e fizeram uma reforma na igreja todinha.

Entrevistadora: Nesse tempo, os índios já ajudavam?

João Venâncio: Os índios ajudavam, né? Foi tanto que a cal dela na época foi toda pisada, casca de ostra e casca de búzio, tudo pisado no pilão a braço de homem. Os pilãozão ainda alcancei, ainda uns pilãozão medonho, feitos de canoé. Por trás da igreja, aí tinha uma pedra, por trás dela, uma pedrona que era uma medonha. Depois que fizeram a reforma, ainda tinha, só que era pequenininha, mas aí desapareceu, quebraro, carregaro, e aí o pessoal que morava ao redor era as famílias indígenas. E aí, quando a duna foi chegando, foi imprensando o pessoal, o pessoal foi se mudando, se mudando, io se afastando, e o morro acompanhando. E aí, quando descobriram, que o pessoal quisero voltar, aí já tava cheio de gente, o povo chegando de fora, naqueles tempos faltos, com as seca que deu por aí. O pessoal arribaro, chegavo e se aboletavo. E aí foro ficando, aí começou a confusão da terra, a briga sobre a terra, a terra tomada. O pessoal já tinha tomado tudo, e aí ficou a peleja, né. Aí apareceu um padre por aí, chamado padre Antonio Tomaz, foi que junto com a rainha majestade que deu a terra de origem para o povo tremembé. Aí é uma légua da igreja pro Luiz de Barros, foi tirado num cavalo braiador. Uma légua do Moreira, uma légua da igreja pra praia, e uma légua da igreja pro São Gabriel, que era que se chamava a terra do aldeamento, era uma légua em quadro. Aí hoje não se chama mais légua. Interiormente, eles chamavo de gleba, de gleba passou pra légua, de légua passou pra quilômetro hoje. Teve uma confusão muito grande que foi a questão das image, o pessoal vieram pra tomar as image. Houve uma confusão muito grande, apanhou gente, saiu gente com a cabeça quebrada. Naquele tempo, não existia nada de faca, nem de revólver, era cacete.

Entrevistadora: E esse pessoal que invadiu, era de fora?

João Venâncio: Esse pessoal era de fora. Era o pessoal que queria roubar as image, mas depois eles vieram e acabaram carregando umas image. Dizem o pessoal que está no museu em Sobral, boa parte das image aqui de Almofala, diz que tá lá.

Entrevistadora: Essas imagens que levaram, trouxeram outras no lugar delas?

João Venâncio: Não. Deixaram sem nada. Parece que São Miguel Arcanjo, esse num tem aí na igreja. Tinha nessa época, mas agora não tem, e outros mais, que levaro e num voltaro. Não botaro outro no lugar. Aí, com o tempo, foi-se passando o tempo, e a igreja foi-se distorando novamente. Aí entrou essa questão dos patrimônio da União, daí a igreja foi tombada pelo Patrimônio da União (IPHAN), e fizeram uma nova reforma. Aí tiraro todo o cal dela, num tem mais a cal dela, o tijolo das parede tiraro, o tijolo do piso também tiraro, não tem mais o original. As porta também, tiraro tudo, a telha também não é a telha dela. Então assim, dela mesmo só tem o caixão, pode-se dizer. O coro também era de madeira, e hoje parece que não é mais, é de cimento. Só sei que reformularam ela toda, só tem mesmo as parência, ela tinha uns pote de banda, hoje não tem mais.

Entrevistadora: Nesse tempo que roubavam os santos, tinha algum interesse, ou era só pra causar briga contra os índios?

João Venâncio: Era porque a areia tinha entupido a igreja. Aí eles querio tirar as image de dentro da igreja, só que o pessoal não querio deixar, não sabe?

ANEXO 6

ENTREVISTA COM SR. ESTEVÃO HENRIQUE (morador e liderança de Tapera) em 11 de maio de 2012

Entrevistadora: Tio Estevão, gostaria que o senhor me contasse sobre a origem dos Tremembé.

Tio Estevão: A história dos Tremembé foi algo que nasceu dos mais velhos, com esta origem. Aí esse pessoal branco veio de fora pra se misturar com os índio... Minha filha, os índio tudo era brabo, muitos foram pegado a dente de cachorro. A minha bisavó, a mãe, sempre dizia que ela foi pega a dente de cachorro, era índia, índia braba.

Entrevistadora: Quais as famílias que moravam aqui?

Tio Estevão: As famílias eram o finado Chico Sousa, Conceição Caboré, a velha Angelca, um vó chamado Gonçalves, um vó chamado Barroso, a vó Puluchera, o Pedroca, todos moradores antigos de Almofala. Aí foi chegando mais gente de fora. Teve uns que chegaram, passava um tempo e ia-se embora. Outros ficaram e pronto. O pessoal que foram chegando, viu aquela terra solta, fazia uma casa e logo fazia uma plantação de coqueiro, que era o que dava mais produção. Aí, minha filha, foram se apossando, e hoje o pessoal que mora na Almofala são quase todos de fora. Esse povo de antigamente, tudo era índio, só não faziam era brincar o Torém, porque foi um tempo que os portugueses chegaram e queriam dominar tudo. E aí proibiu a dança do Torém, eles queriam dominar tudo mesmo.

Eles sobreviviam da roça e pesca, arrancavam búzio para comer assado, assavam mesmo no borralho, era a sobrevivência deles.

Entrevistadora: E a cultura, como era?

Tio Estevão: A cultura era a dança do Torém. Toda força em tudo por tudo, era o Torém, mas tinha também a dança do coco, da aranha. A brincadeira do Torém era numa noite toda, e a dança da aranha e do coco era numa noite diferente. Ah, tinha também a bolandeira, que era no tempo do algodão, e se juntava para trabalhar em mutirão. Tinha também a dança do reisado, que era muito animado.

Entrevistadora: E sobre o soterramento da igreja?

Tio Estevão: A igreja foi enterrada, que chegou até fazere estrada por cima dela, mas sem saber que ali tinha uma igreja. Aí o vento foi soprando, soprando, até que desentupiu a cruz. O povo perguntava quem tinha morrido ali. E o vento continuou soprando, até que descobriu o meio dela, aí se juntaro aquelas famílias e io desentupir. Eu, com essas mão que Deus me deu, ajudei a desentupir. Todo mundo, com cuia, se juntavo, era aquela multidão, assim por hora dessa (cinco horas da tarde). Aí anoitecia lá e ficava até de madrugada. Tudo isso nas noite de lua, deixemo ela no piso, a madeira da sacristia arriou, só isso. O resto tudo ficou bom. Aí o Barrosinho, um senhor aqui de cima, não sei se é daqui das bandas do Maceió, chegou e reformou a igreja. Era um caripina (carapina). Na metade do serviço, o dinheiro do véi faltou, ele encostou o trabaio. Aí se juntaram Adonias Alves e os Filomeno, João Jaime se juntaro e terminaram o serviço da igreja da Almofalinha, que, nesse tempo, era Almofalinha. E aí trancaram a igreja. Aí os índios io brincar na porta da igreja, num brincavo mais no mato, só na frente da igreja. Aí chegou o Padre Sabino, do Acaraú, para fazer as missa. Era nove dias de festa. Ele trazia as músicas, a ola. Nesse tempo, o povo vinha de fora, chegava, e aí não voltavo mais. Almofala cresceu assim.

Entrevistadora: E os santos?

Tio Estevão: Os santos chegaro depois que acharo a santa. A santa foi os pescadores que acharo. Foi dois pescador pescar, chegaro no caminho, viro o fogo, ficaro admirado, espantado, porque todo dia passavo ali e nunca viro aquele fogo. Aí chegaro perto, passaro a mão, e os olhos fitado neles, as tochas de fogo. Aí se aproximaro e viro que era uma santa. Um ficou no local, o outro foi chamar os outros na aldeia. Chegando lá, aí levaro a santa pra dentro da Almofalinha, fizeram um jirau e botaro a santa em cima, e toda noite io adorar a santa. Se ajoelhavo e io rezar. Aí quando a história saiu, foi aos ouvidos da Princesa Isabel. Aí viero e roubaro a santa. Foi uma briga danada, que o sangue deu no meio da canela. Assim contava o meu pai. Foi a princesa Isabel quem mandou essa outra santa, Nossa Senhora da Conceição, e aí depois viero os outros santos.

ANEXO 7

ENTREVISTA COM JOSÉ DOMINGOS (conhecido como Zé Domingos, liderança da Passagem Rasa) em 1º de abril de 2012

No começo, apareceu muita gente, dizendo eles que eram ciganos. Esse povo aparecia na época da seca, nos tempos que não chovia. Eles vinham das bandas do sertão, chegavam aqui nesses lados de praia, porque nas praia é mais fácil escapar. E muitos vinham, aí achavam bem melhor do que onde tavo, por causa da água, das comidas, e não voltavo mais e se voltavo era pra trazer mais gente da família, de seu povo e por isso que hoje tem uma grande parte de gente de fora do município de Itarema, de fora da área indígena, por causa dessa ocasião que acontecia,

Se nós tivesse abrido os olhos e corrigido, porque, cada dia que passa, a gente aprende mais, a gente vê mais, o mundo tá oferecendo mais. Agora pouco, eu descobri umas pessoas que não é daqui. O Bianô, ele não é daqui, é de Caucaia. E esse povo que veio de fora, eles não são Tremembé, eles não assume sua descendência indígena, porque todo brasileiro é índio, e aqueles que não se assume podia pegar seus panos de bunda e voltar pro lugar de onde viero.

Aqui neste lugar, eu conheci os troncos veio e sei onde fica as tapera veia, onde esse povo todo morava.

As coisas de meu alcance era assim. O povo de fora chegavo, ficavo e misturavo as famílias, porque aqui era tudo um povo só, uma família só, se casavo com as pessoas bem próximas, os primos, os vizinhos, era assim. Agora, com a chegada dos de fora foi que se misturou.

Sobre a igreja de Almofala, eu não alcancei, já conto porque meu pai contava que, quando o morro vinha pra enterrar, os brancos tiraro o material de cima, deixaro só as paredes. Ele contava que sempre iam durante as noites pra ajudar a de-

senterrar, com as cuias, só não ia toda noite porque os caminhos era longe. Mas eu sei que ela passou 45 anos soterrada.

O povo antigamente fazia hoje pra se consumir hoje, num tinha esse negócio de fazer uma coisa que só oia dar lucro pra frente e muito. Eles produzio pra o dia. Naquele tempo, não tinha dinheiro, o povo fazia as trocas de alimentos. No lagamar, havia uma fartura de peixe. Era uma tempos fácil e também difícil. A gente vivia em liberdade, se fazia uma viagem daqui pra Almofala, e num tinha uma cerca. A gente podia comer uma fruta, tirar uma raiz de um pé de planta. Tudo era livre, toda essa mata era livre, a gente tinha mais liberdade, podia se criar todo tipo de animal.

De primeiro, eu ia pra uma sentinela e, como se eu fosse pra qualquer uma repartição, eu via o povo chorar mas... quando morreu meu pai e minha mãe, aí eu conheci sentimento, aí soube o que era a dor de perder alguém.

Antigamente, o Torém era muito dançado na época do moco-roró. Nesse tempo, a vó do João Venâncio era viva, aí se juntava aquele grupo de gente pra dançar o Torém e sempre vinha pessoas de fora, pra ver o Torém, aí se juntavo os mais velhos pra fazerem a dança do Torém.

Como nossa terra não tinha dono, era tudo solto, o povo chegavo e construíam uma casinha, depois cercava a frente e aí se dizia dono. Quando aquela pessoa resolvia ir embora, vendia pra outro que fazia a mesma coisa, e assim foi invadida a nossa terra, cada um que chegava se dizia dono.

Nossa luta pela terra está com muito tempo, eu me lembro que já tá com 21 anos que chegou um cidadão na minha casa, acompanhado pelo João Venâncio e o Vicente Viana. Esse cidadão me fez várias perguntas que eu me lembre que ele perguntou com quanto tempo eu morava aqui. Eu disse, e até que perguntou quem era o dono dessa terra, aí eu disse que essa terra não tinha dono, era a terra do aldeamento. Eu chego a me lembrar da história que meu pai contava que o papel da terra era ele. Quando ele morresse, se tivesse algum filho que quisesse ser o papel da terra, podia ser, o papel do local onde morava e assim digo eu. Ele sempre dizia que a

terra do aldeamento ia ser tirada, se ele não alcançasse, um filho ou um neto alcançava. E a mesma história eu tô dizendo.

Esse dito homem me perguntou das mortes, e eu contei. Aí de lá pra cá começou a aparecer gente, aí a gente foi se identificando, porque eu sempre digo indo eu nasci, mas a identificação foi há pouco tempo. Agora, saber que eu era índio desde que me entendi eu sempre sabia. Agora, a dor maior que eu senti que até me emociono, não foi da morte do meu pai nem da minha mãe. A dor maior que senti foi no dia que eu vi... (seu Zé Domingos se emociona e para por um tempo. Dona Alda, esposa do Seu Zé Domingos, diz: “O quê? As três mortes?”) Foi, eu me emociono porque... me parece que chega uma reação de eu ver meus três tios mortos pela luta da terra, por causa da terra. No ano de 62, em janeiro, e a gente vem lutando até hoje. E hoje é diferente, vem uma pessoa e diz eu quero entrar na “lei dos índios”, e num lembra nem de terra e assim continua nossa peleja pela demarcação e peço a Deus que embora nós não alcance, mas não se acabe nossa luta sagrada, porque não tem como se acabar a luta indígena, porque índio não se acaba, se acaba uma parte, mas fica os outros. (Dona Alda reforça que tem fé em Deus que essa demarcação aconteça, porque tem a palavra, mesmo que seja para durar 24 horas, e seu Zé Domingos diz que isso vai acontecer, porque já houve demarcação em outros cantos, porque é que não pode acontecer).

ANEXO 8

ENTREVISTA COM MARIA EVA LISBOA (conhecida como Babi, liderança no Panã) em 9 de outubro de 2012

Antigamente, essa terra era livre. Aí começou a enganação com os mais velhos. Às vezes, compravam mercadoria como o fumo, alimento, bebida e outras. Compravo uma quantidade pequena e, quando chegava no dono do comércio, lá estava aquela lista danada, e aí se ia um pedaço de terra. Os mais espertos, mais ricos sempre se aproveitavam da fraqueza dessas pessoas para se apossar das terra. Conto isso porque aconteceu com meu bisavô. Essa invasão começou dessa maneira, cada pessoa que comprava um pedaço de terra cercava um pedaço bem maior, tirava a cerca e botava bem mais pra frente.

Música **OLHANDO A LUTA**, de Babi:

Olhando a terra estou vendo / nossas terras todas cercadas, / mesmo nas mãos do barão / eu sinto isso, e meu coração chora / e peço a Deus todo dia a demarcação / conheço gente que comprava um pedacinho / mas pra cercar tomava um pedaço / e depois dizia pois aqui é minhas frente / e foi assim que começou a invasão

Vocês me aguardem que nossos direitos vêm, nossa vitória um dia nós vamos ter / o que era dos nossos antepassados nós somos herdeiros e queremos receber / que sem a terra não temos como plantar, não temos boa saúde, nada pra sobreviver / eu peço a Deus que ouça o nosso sofrimento, demarque a terra pra nós sobreviver.

ANEXO 9

ENTREVISTA COM MARIA DA CONCEIÇÃO MOURA (Professora na Varjota) em 15 de outubro de 2012)

Antigamente, aqui não existia escola. No ano de 1984, comecei a ensinar uma turma de 45 alunos por conta dos pais. Cada um dava um pequeno agrado e, com essa pequena quantidade, eu comprava material escolar, como giz e até caderno para alguns alunos, para aqueles que os pais não tinham condições. Nessa peleja, passei dois anos.

Quando foi no ano de 86, comecei pela Prefeitura Municipal de Itarema com a administração de Stênio Rios. Nesse tempo, já tinha material por conta da Prefeitura, só que a gente recebia na casa da Dejanira Monteiro.

Essa escola funcionava no Salão Comunitário da Varjota. As pessoas se juntaram e fizeram até uma lousa na parede para eu escrever.

Passei os primeiros seis meses ensinando voluntário, porque a prefeitura só pagava depois que a pessoa trabalhava seis meses voluntário. Depois desses seis meses, a prefeitura começou a pagar e aí assinou a carteira. Nesse primeiro ano, trabalhei sozinha. Já no segundo ano de trabalho foi que a professora Marlúcia entrou para ajudar, também sendo remunerada pela prefeitura. Nesse tempo, o material que vinha da prefeitura não era suficiente, aí eu escrevia com carvão no chão do salão, pois o giz não era suficiente.

A luta pela terra era pelo usucapião, para que a firma não invadisse toda nossa terra.

Diante de todas as dificuldades enfrentadas no dia a dia escolar, um dia chegou no salão uma carrada de polícia a mando da DUCOCO. Primeiro, a Conceição veio me avisar, dizendo que eu não me assustasse, porque ia chegar ali uma carrada de polícia, mas o pessoal já estava todo sabendo e iam vir todos armados com foice, facão, enxada, como se eles estivessem brocando.

E eu tentasse acalmar as crianças. Aí chegou o povo daqui da Varjota, e logo chegou a carrada de polícia. As crianças todas se assustaram, uma até que desmaiou, outra entrou em desespero, outras pulavam pela janela e saíram correndo em desespero. O pessoal que veio de fora deram um dinheiro, algumas crianças que estavam mais desesperadas, para que elas se acalmassem. E os da Varjota já estavam todos lá para conversarem, e esta conversa era um acordo que eles queriam fazer.

Porque, nessa época, era o momento que eles estavam colocando as estacas para cercarem essa nossa área. O pessoal da firma colocava as estacas durante o dia, e, à noite, nós, índios tirávamos, só que ninguém podia dizer quem tirava, pois, se a firma soubesse, mandava matar.

Foi um tempo de muita aflição, aqui ninguém vivia sossegado, só dormia o primeiro sono da noite, aí se levantavam os homens pra irem cortar as cercas, e as mulheres ficavam em casa rezando. Tudo isso em defesa da nossa terra.

Nessa luta de colocar cerca e tirar cerca, o pessoal da firma desistiu, e nós ficamos nesse pequeno pedaço de terra. Nesse tempo, era professor índio ensinando os alunos índios, mas não se podia dizer, devido à opressão que era muito grande.

Depois que se garantiu a terra no usucapião, aí ficamos mais sossegados e começamos uma nova luta. Foi aí que nós nos assumimos como indígenas e demos início ao processo de criação da Escola Diferenciada, sendo o primeiro passo iniciado pelas lideranças e sempre se discutiam por uma escola diferenciada, onde todos aprendessem e não fossem discriminados.

Foi aí que chegou a Karla a mando da Maria Amélia. Quando ela chegou, ficou na casa da D. Conceição. Nesse tempo, as pessoas ajudavam na questão da alimentação. Depois construíram a casinha que é junta à casa de apoio, para ela ficar e também fazer pequenas reuniões. Nesse mesmo tempo, a Karla começou a formação para nós professores, aí nesse tempo entrou os que já eram.

TÍTULOS DA COLEÇÃO “MAGISTÉRIO PÉ NO CHÃO”

1. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Professor)
2. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Aluno)
3. Fauna e flora Tremembé da Região da Mata
4. História da educação diferenciada Tremembé
5. O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera
6. Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé
7. Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu Território
8. Aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto - ontem e hoje
9. Medicina tradicional do povo Tremembé
10. *Dicumê* Tremembé de antes e de hoje
11. Jogos matemáticos para as escolas indígenas Tremembé
12. A pesca no Mar de Almofala e no Rio Aracati-mirim: histórias dos pescadores Tremembé
13. Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados
14. Histórias Tremembé: memórias dos próprios índios



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - fundos, Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará - Brasil

imprensa.ufc@pradm.ufc.br